



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

Trabalho de Fim do Curso

“Nós, como Testemunhas de Jeová e cristãos, sabemos que iremos sofrer oposição”: um estudo de caso sobre a gestão do estigma na Congregação T3 portuguesa – Maputo, 2025

Autora: Arminda Toni Moçambique

Supervisor: Baltazar Muianga, PhD

Maputo, Setembro de 2025



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

“Nós, como Testemunhas de Jeová e cristãos, sabemos que iremos sofrer oposição”: um estudo de caso sobre a gestão do estigma na Congregação T3 portuguesa – Maputo, 2025

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

A candidata:

Arminda Toni Moçambique

O Júri:

Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, aos ____ de _____ de 2025

Declaração de Honra

Eu, Arminda Toni Moçambique, estudante do curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim do curso para obtenção do grau de licenciatura em Sociologia, nunca foi apresentado de forma parcial ou integral, em nenhuma instituição para obtenção de qualquer grau académico, sendo resultado da minha investigação, estando indicadas no texto as fontes e as referências bibliográficas usadas na realização da pesquisa.

Maputo, Setembro de 2025

(Arminda Toni Moçambique)

Dedicatória

Aos meus amados pais, Toni Nazaré Moçambique e Atália Filimone Mambo, e ao meu querido irmão, Hermelino Toni Moçambique. Que esta monografia seja o reflexo do amor e gratidão imensurável que carrego por vocês.

Agradecimentos

Antes de tudo, agradeço a Deus, cuja presença foi constante em cada momento de incerteza e cuja graça me sustentou nas dificuldades decorrentes da minha jornada académica. À minha família, e em especial aos meus pais e ao meu irmão dedico um agradecimento que palavras jamais serão capazes de expressar completamente. Este trabalho, é um testemunho do amor incondicional, do sacrifício e presença constante que vocês me ofereceram em cada etapa da minha jornada.

Ao meu supervisor, Doutor Baltazar Muianga, agradeço profundamente. Agradeço pela sabedoria, compreensão, pelo tempo e energia gastos durante este processo que me fez aprimorar esta pesquisa. Muito obrigada por todos os dias que disponibilizou-se para discutir cada parte desta monografia.

Agradeço ao Doutor Adriano Maurício pelas sugestões iniciais para aprimorar o tema desta monografia, por ser um excelente professor e partilhar o seu conhecimento em sala de aulas. A sua presença e atenção foi crucial para a minha formação.

À Universidade e ao Departamento de Sociologia, minha gratidão pelo espaço de formação e crescimento intelectual que me foi proporcionado. Meu reconhecimento aos Docentes do Departamento de Sociologia, que transmitem conhecimento e compromisso com a investigação científica e o pensamento crítico. Expresso a minha profunda admiração e gratidão por vocês.

Aos colegas de curso que partilharam comigo essa caminhada académica, em especial à Riana Massango e Djen Macamo, deixo o meu reconhecimento e apreço. Por termos superado desafios, momentos de exaustão e por construirmos laços que vão muito além da Universidade.

Agradeço ao Shelden Mavie e Hélder Pilote por terem tido um papel crucial para a realização do trabalho de campo. Às Testemunhas de Jeová que aceitaram partilhar suas experiências e reflexões para que esta pesquisa pudesse ser realizada, agradeço profundamente. Seu tempo, disponibilidade e confiança foram essenciais para que esta pesquisa fosse concretizada. A cada pessoa que, de alguma forma, fez parte desta jornada, e a Marcos Butane, o meu muito obrigado. Este trabalho é fruto de um esforço colectivo e de todo o apoio que recebi ao longo do caminho. Que cada um de vocês sinta-se parte desta conquista.

Epígrafe

“Felizes sejam quando as pessoas vos insultarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o tipo de coisas más contra vocês, por minha causa. Alegrem-se e fiquem cheios de alegria, porque a vossa recompensa é grande nos céus; pois assim perseguiram os profetas antes de vocês” (Mateus 5:11-12, Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada, 2015).

Resumo

A presente monografia tem como título: *“Nós, como Testemunhas de Jeová e cristãos, sabemos que iremos sofrer oposição”*: um estudo de caso sobre a gestão do estigma na Congregação T3 portuguesa – Maputo, 2025. O objectivo geral consiste em analisar as estratégias usadas pelas Testemunhas de Jeová na gestão do estigma religioso em interações interpessoais, com especial enfoque em jovens membros da congregação. A análise está ancorada na teoria do estigma sobre a manipulação da identidade deteriorada desenvolvida por Erving Goffman (2004). Em relação aos procedimentos metodológicos, definimos a abordagem qualitativa, com recurso ao estudo de caso como método de procedimento. Recorremos às entrevistas semi-estruturadas para a recolha de dados empíricos junto dos participantes, tendo sido utilizada a técnica de análise de conteúdo para a interpretação do material recolhido. Os resultados obtidos evidenciam que a experiência do estigma religioso varia consoante os contextos sociais. Os factores que contribuem para a construção do estigma são múltiplos e interligados, tendo em conta as distinções e práticas de vida baseadas em princípios religiosos que frequentemente entram em dissonância com os valores dominantes. A gestão do estigma não é apenas uma iniciativa individual, mas um processo institucionalizado, ensinado e reforçado no seio da organização e a racionalidade religiosa que sustenta esta gestão é mediada pela doutrina e pelas orientações organizacionais. Acresce-se que os comportamentos éticos no quotidiano, a serenidade perante a rejeição e a construção paciente de uma imagem pública respeitável funcionam como mecanismos de desconstrução do estigma.

Palavras-chave: *Estigma social, Identidade religiosa, Testemunhas de Jeová, Gestão do estigma e Sociologia da religião.*

Abstract

This monograph is entitled: “As Jehovah's Witnesses and Christians, we know that we will face opposition”: a case study on stigma management in the T3 Portuguese congregation – Maputo, 2025. The general objective is to analyse the strategies employed by Jehovah's Witnesses in managing religious stigma in interpersonal interactions, with a particular focus on young members of the congregation. The analysis is grounded in the theory of stigma and the management of spoiled identity, developed by Erving Goffman (2004). Regarding methodological procedures, we adopted a qualitative approach, using the case study as the procedural method. Semi-structured interviews were conducted to collect empirical data from participants, and content analysis was applied for interpretation. The findings reveal that the experience of religious stigma varies depending on the social context. The factors contributing to the construction of stigma are multiple and interconnected, particularly considering the lifestyle distinctions and practices based on religious principles that often clash with dominant societal values. Stigma management is not merely an individual initiative but an institutionalised process, taught and reinforced within the organisation. The religious rationality that underpins this management is shaped by doctrine and organisational guidelines. Moreover, ethical daily conduct, calmness in the face of rejection, and the patient construction of a respectable public image serve as mechanisms for the deconstruction of stigma.

Keywords: *Social stigma, Religious identity, Jehovah's Witnesses, Stigma management, Sociology of religion.*

Lista de Siglas

EUA - Estados Unidos da América

MRTJ - Movimento Religioso das Testemunhas de Jeová

PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado

STVBT - Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados

TJ - Testemunhas de Jeová

TJPRD - Testemunhas de Jeová Proclamadores do Reino de Deus

ÍNDICE

Declaração de Honra	i
Dedicatória	ii
Agradecimentos.....	iii
Epígrafe	iv
Resumo.....	v
Abstract	vi
Lista de Siglas	vii
I. INTRODUÇÃO	1
II. Justificativa.....	2
Contextualização	3
CAPÍTULO I.....	7
DA REVISÃO DA LITERATURA À PROBLEMÁTICA.....	7
1.1. Estigma como resultado de raízes sócio-históricas associadas à imposição de normas religiosas dominantes	7
1.2. Reafirmação da identidade como forma de gestão do estigma religioso	9
1.3. Problema de pesquisa.....	11
1.4. Pergunta de partida.....	12
1.5. Objectivos.....	13
CAPÍTULO II	14
ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL.....	14
2.1. Teoria de base.....	14
2.2. Definição de conceitos	16
CAPÍTULO III	22
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22

3.1. Método de pesquisa.....	22
3.2. Método de procedimento.....	22
3.3. Técnica de recolha de dados.....	23
3.4. Técnicas de análise de dados.....	25
3.5. População	25
3.5.1. Amostra e Amostragem.....	26
3.5.2. Critérios de escolha dos participantes: inclusão e exclusão	26
3.6. Questões éticas	27
3.7. Constrangimentos do estudo e formas de superação.....	28
3.8. Limitações do estudo.....	29
CAPÍTULO IV	30
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	30
4.1. Perfil sócio-demográfico dos entrevistados	30
4.2. Contextos sociais e experiências de estigmatização enfrentadas pelas Testemunhas de Jeová.....	32
4.2.1. Instituições e Agentes de socialização na produção e reforço do estigma: família, escola, ambiente laboral, amigos e vizinhos	32
4.2.2 Reacções frente à autodeclaração como Testemunha de Jeová: espanto, perguntas e associação imediata à aparência.....	39
4.3. A construção do estigma religioso imposto às Testemunhas de Jeová	42
4.3.1. Produção social do desconhecimento e o papel da desinformação na percepção pública das Testemunhas de Jeová.....	43
4.3.2. O discurso dos desassociados como vector de deterioração da imagem pública das Testemunhas de Jeová.....	44
4.3.3. A distinção como fronteira simbólica: implicações do estilo de vida das Testemunhas de Jeová	45

4.3.4. Produção e reprodução de estereótipos sobre as Testemunhas de Jeová	47
4.4. Gestão do estigma pelas Testemunhas de Jeová em interacções interpessoais.....	50
4.4.1. A centralidade da Bíblia na elaboração de respostas ao estigma: regulação emocional e comportamental	50
4.4.2. Controlo da informação na interacção social pelas Testemunhas de Jeová.....	53
4.4.3. Estética da normalidade: o encobrimento como resposta ao risco de identificação da identidade deteriorada	56
4.4.4. Do acobertamento à construção da autonomia identitária nas interacções marcadas pelo estigma.....	58
4.4.5. Minimização do estigma nas interacções sociais: conduta pessoal, testemunho informal e postura emocional.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
Referências bibliográficas	65
APÊNDICES	69
ANEXO	70

INTRODUÇÃO

Desde o início dos tempos a religião faz parte do quotidiano das pessoas. Enquanto fenómeno social e cultural, exerce uma grande influência nas dinâmicas de construção identitária e na regulação das interacções sociais. Ela molda comportamentos, estabelece normas e cria sentidos para a existência humana, ao mesmo tempo em que pode, consciente ou inconscientemente, reforçar processos de estigmatização e exclusão social. Assim, o estigma adquire uma dimensão singular quando analisado sob a perspectiva religiosa.

Esta pesquisa, propõe-se a investigar como as Testemunhas de Jeová gerem o estigma que frequentemente lhes é atribuído. O distanciamento das Testemunhas de Jeová em relação às normas sociais dominantes reforça o preconceito geral, e particularmente as opiniões discriminatórias, considerado por muitos como uma “seita”, o que tende a alimentar estereótipos, gerando formas específicas de estigmatização social que os seus membros enfrentam no seu quotidiano.

Alguns denominam o Movimento Religioso das Testemunhas de Jeová (MRTJ) como seita, sendo que, muitas vezes, essa classificação esconde uma forma de estigmatização social. Ao se dar ao Movimento Religioso das Testemunhas de Jeová a denominação de seita começa a geração de desconfiança, de preconceito e de noção de um grupo anti-social, perigoso e fanático (Barra, 2010).

Interpretando a seu modo as Escrituras Sagradas, as Testemunhas de Jeová explicam a vida e a morte. Justificam as suas medidas de desobediência a algumas normas civis e a recusa a certos tratamentos médicos considerados contra a lei de Jeová. Entendem que somente eles se identificam como cristãos verdadeiros e, como tais, “não fazem parte do Mundo como as demais crenças religiosas que participam das celebrações do mundo e reflectem seu espírito de nacionalismo” (TJPRD & STVBT, 1993 *apud* Barra, 2010).

A pesquisa teve como objectivo geral: *Analisar as estratégias usadas pelas Testemunhas de Jeová na gestão do estigma religioso em interacções interpessoais.* Como objectivos específicos, buscou-se: *Identificar os contextos sociais nos quais as Testemunhas de Jeová experimentam maior estigmatização; Explorar os principais factores que contribuem para o estigma religioso enfrentado pelas Testemunhas de Jeová e Examinar as estratégias adoptadas pelas Testemunhas de Jeová para gerir o estigma e minimizar seus impactos nas interacções sociais.*

Foi utilizada a teoria do Estigma sobre a manipulação da identidade deteriorada de Erving Goffman (2004), esta que considera que a sociedade categoriza as pessoas com base em atributos considerados comuns e naturais e, quando os atributos são diferenciados daqueles que se esperam, surge o estigma sobre este indivíduo ou grupos de indivíduos. Goffman (2004), destaca que esse estigma compromete a identidade social do sujeito, ao gerar tensões entre a identidade real e a identidade atribuída. Dessa forma, os indivíduos estigmatizados desenvolvem estratégias de gestão da impressão para ocultar ou minimizar os atributos desacreditadores, buscando aceitação em interações sociais.

Assim, esta pesquisa parte do pressuposto segundo o qual as Testemunhas de Jeová recorrem ao encobrimento da sua identidade como forma de gerir o estigma religioso nas suas relações interpessoais.

Os procedimentos metodológicos foram baseados no método de pesquisa qualitativa e no estudo de caso como método de procedimento. A técnica de entrevista é a semi-estruturada. Para a recolha dos dados, foi usada a análise de conteúdo para a sua interpretação. A amostra foi composta por vinte (20) jovens, todos membros das Testemunhas de Jeová da Congregação T3 portuguesa, e o tratamento de cada um dos participantes observou os aspectos éticos dirigidos para as pesquisas sociais.

A pesquisa encontra-se organizada em quatro (4) capítulos. O primeiro, referente à revisão de literatura, onde foram levantados estudos sobre o estigma religioso em geral e sobre o estigma imposto às Testemunhas de Jeová, em particular. No segundo capítulo, o enquadramento teórico e conceptual, onde é apresentada a teoria de base e os principais conceitos da pesquisa. No terceiro capítulo, encontramos os procedimentos metodológicos usados para a efectivação da pesquisa, incluindo todos os procedimentos percorridos para a colecta do material empírico, para a escolha e tratamento da população de estudo, e também para a interpretação dos dados. E por fim, temos o quarto capítulo, onde é feita a análise, interpretação e discussão dos resultados obtidos junto das Testemunhas de Jeová.

I. Justificativa

A intolerância religiosa possui um traço cultural na sociedade. É visível a riqueza religiosa existente, porém, há religiões que impelem as outras impondo seus rituais e crenças religiosas, não

permitindo a expressão religiosa sem algum repúdio. Algo que é contraditório, pois a base da diversidade religiosa, é a sua liberdade de expressão (Cavalcanti, 2014 *apud* Simões *et al*, 2020).

O primeiro interesse pelo tema surgiu da minha inserção num meio social e da observação de estereótipos atribuídos às Testemunhas de Jeová, como o de fanáticos religiosos, a alegação de possuírem muitas regras e de serem estranhos devido ao isolamento social. Em seguida, o contacto com a revisão da literatura permitiu constatar que o estudo da religião e a sua relação com o estigma constitui um campo rico, pois permite compreender como determinadas crenças podem influenciar a percepção social e gerar processos de rotulação, o que despertou o interesse em aprofundar a pesquisa, especificamente sobre as Testemunhas de Jeová na realidade moçambicana.

A nível social, ao considerar que as Testemunhas de Jeová são um grupo religioso com práticas maioritariamente exclusivas, a pesquisa possibilita a compreensão sobre como é dado e gerido o estigma num grupo com práticas e valores distintos dos da maioria.

A relevância deste estudo reside no facto de que, embora o fenómeno religioso tenha sido amplamente estudado nas ciências sociais, ainda há lacunas no que diz respeito à análise de grupos religiosos que vivem à margem da normalidade social instituída, como as Testemunhas de Jeová em Moçambique, apesar da sua presença significativa no país. Essa lacuna é perceptível no que se refere às formas empregadas por esse grupo para lidar com a rejeição social. Sendo assim, consideramos um vazio académico a ser preenchido ao trazer um novo olhar sobre a realidade local, para assim contribuir para a ampliação do debate na área da sociologia da religião, mostrando como crenças e práticas religiosas moldam identidades e influenciam relações de inclusão e exclusão social, e como os fiéis negociam sua posição em um contexto de possível estigma.

II. Contextualização

As Testemunhas de Jeová surgem nos Estados Unidos da América (EUA) em 1872. Vários autores indicam que os primeiros anos após a guerra civil naquele país foram o momento de um revival religioso que readequou o discurso sobre a nação a partir de então. Nesse contexto, teria surgido um conjunto de religiões milenaristas – também chamadas “apocalípticas”, que apontavam a chamada “Guerra de Secessão” como um divisor de águas e já especulavam sobre o segundo advento de Cristo (Castro, 2007).

O autor supracitado aprofunda a sua análise ao afirmar que, nesse período, a religião nos Estados Unidos ocupava papel de destaque na vida política do país e em alguns casos, o fervor religioso dos norte-americanos acabou por prevalecer sobre a identidade nacional e o sentimento patriótico. Foi o caso das Testemunhas de Jeová, no século XX que, para manter a sua tradição pacifista, recusaram-se a se alistar no exército e a jurar a bandeira norte-americana, enfrentando perseguições e prisões por conta de sua fidelidade estrita ao princípio religioso. Em 1870, os Estados Unidos passaram pelo *boom* religioso que resultou, entre outras denominações religiosas, no surgimento das Testemunhas de Jeová. Em 1872, Charles Taze Russell (1852-1916), fundou a “Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia”, o que viria a ser, as Testemunhas de Jeová. Russel fundou uma revista, mais tarde intitulada *A Sentinela*, com o objectivo de divulgar as suas ideias. E as pessoas que se reuniam em grupos tornaram-se conhecidas como os “Estudantes da Bíblia” ou, quando *A Sentinela* começou a ser traduzida em outras línguas, “Estudantes Internacionais da Bíblia”, visando uma maior divulgação de suas ideias, Russel fundou a “Sociedade de Tratados da Torre de Vigia de Sião”. Estava deste modo formado o principal instrumento legal do grupo religioso, que posteriormente ficaria conhecido como Testemunhas de Jeová.

Nessa perspectiva, os estudantes da Bíblia foram espalhados por Russell pelos Estados Unidos e em mais de 40 países nos anos de 1920, o que passa a lhe conferir notoriedade em 1917, Joseph Franklin Rutherford (1869-1942) sucedeu Russel no comando da Sociedade Torre de Vigia (Castro, 2007).

Após a Primeira Guerra Mundial, teve início a perseguição institucional a Rutherford e seus colaboradores. Em junho de 1918, foram presos e condenados a 20 anos de prisão nos Estados Unidos, supostamente, segundo explicações das Testemunhas de Jeová, por “suas publicações fazerem referências bem cortantes ao clero da cristandade”. Foi durante o mandato de Rutherford que, em 1931, os “Estudantes da Bíblia” tornaram-se “Testemunhas de Jeová”.

A perseguição às Testemunhas, tanto nos Estados Unidos, quanto no restante do mundo, viria a se intensificar no início de 1930 e, especialmente nos anos 40, em decorrência da Segunda Guerra Mundial e a partir de sua suposta neutralidade no conflito (*Ibid*, 2007).

Penton (1985), citado por Stark & Iannaccone (1997), afirma que em muitas partes do mundo as Testemunhas de Jeová, foram agredidas, perseguidas, espancadas, alcatroadas, emplumadas, castradas, violadas e assassinadas. Poucas Testemunhas de Jeová de longa data escaparam de

ameaças a suas pessoas com porretes, facas, armas de fogo ou punhos; e muitas tiveram água fervente, restos de comida ou pedras atiradas nelas. Outras tiveram cães se voltando contra elas, e quase todas foram submetidas a abuso verbal.

A presença das Testemunhas de Jeová em África aumentou-se com o início da guerra colonial. Em 1961, levou a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) a anunciar uma suposta ligação entre o comunismo e a organização religiosa para penetração nas colónias. Ao mesmo tempo, sistematicamente, as Testemunhas de Jeová se recusavam a juntar-se às tropas por objecção de consciência (Associação das Testemunhas de Jeová, 2000 *apud* Swatowski, 2016).

As características sociológicas e as actividades das Testemunhas de Jeová em Maputo e a sua organização em Moçambique mostra que, esta organiza-se em congregações ligados por laços de proximidade (vizinhança ou bairro). A maior parte das congregações realiza reuniões nos Salões de Reino. Os salões construídos nas cidades apresentam a mesma arquitectura e são construídos por voluntários das Testemunhas de Jeová. No entanto, existe uma arquitectura concebida para a zona urbana e outra para a zona suburbana (Carvalho, 2005).

Em cada congregação há anciãos ou superintendentes. São os que tomam a dianteira nas reuniões da congregação. Estes homens não são vistos como superiores aos demais na congregação e não recebem títulos especiais. Consideram-se por isso como iguais a todos em termos de *status* na comunidade. As suas funções consistem em “pastorear o rebanho”, - “cuidar do povo de Deus” - ensinar, fortificar os desanimados e organizar as reuniões. As Testemunhas de Jeová, numa das suas reuniões fazem uma pequena encenação para mostrar como são feitos os contactos com as pessoas durante os serviços de campo ou estudo bíblico de casa em casa.

Com esta demonstração pretende-se ensinar a maneira como se deve transmitir a outras pessoas as “boas novas”, permite também avaliar o grau de articulação e expressão, ou seja, a competência linguística dos intervenientes, oratória, principalmente para aquela pessoa que desempenha o papel de Testemunha de Jeová (*Ibid*, 2005).

As formas de controlo social do grupo baseiam-se na obrigação moral, que consiste em que, no final do mês, cada membro entregue um relatório constando o número de horas de trabalho realizadas. Em caso de incumprimento, não estão previstas nenhuma sanções, no entanto, a pessoa é depois contactada pelo ancião, que a incentiva a continuar a fazer a “Obra de Deus”. As

Testemunhas de Jeová realizam também grandes assembleias ou congressos todos os anos. Nessas ocasiões, reúnem-se muitas congregações para um programa especial de instrução bíblica e, durante o congresso, realiza-se o baptismo de novos discípulos (Carvalho, 2005).

A sede das Testemunhas de Jeová em Moçambique localiza-se no Bairro Triunfo, na Cidade de Maputo, este lugar é também conhecido por Betel, inaugurado em Dezembro de 1998. Nesta casa vivem cerca de 100 voluntários reunidos para um propósito: “ajudar os outros no fornecimento de materiais: livros e revistas das Testemunhas de Jeová”. No Betel, vivem pessoas de quase todas as nacionalidades dos países em que as Testemunhas de Jeová estão presentes, mas a maioria é moçambicana, proveniente de todo o país. Um outro aspecto marcante neste grupo é o facto de existir na sede um departamento de tradução que traduz as publicações em seis línguas nacionais: *Chuabo, Lomwe, Macua, Ndau, Sena e Xitsua*. Depois de traduzidas, de acordo com as encomendas feitas pelas congregações, o material é impresso na África do Sul, e de seguida é reenviado para Moçambique. Existem três rotas principais de distribuição: Maputo, Beira e Nampula (Carvalho, 2005).

A nível global, as Testemunhas de Jeová até 2024 contavam com 84 filiais em diferentes países e 118,767 congregações¹, o que demonstra a difusão que a organização teve ao longo dos anos.

¹Dados recolhidos no Relatório mundial das Testemunhas de Jeová do ano de serviço de 2024, Disponível em: <https://www.jw.org/finder?srcid=jwlshare&wtlocale=TPO&prefer=lang&pub=syr24> ; Acesso em 10 de Jun. de 2025

CAPITULO I

DA REVISÃO DA LITERATURA À PROBLEMÁTICA

Nesta secção, trazemos as principais contribuições sobre o estigma religioso, e de forma particular, ao imposto às Testemunhas de Jeová. Constatamos que os autores focalizam as suas contribuições em duas abordagens principais. Num primeiro momento, analisa-se o estigma como resultado de raízes sócio-históricas associadas à imposição de normas religiosas dominantes e a seguir constatamos que a maioria dos estudos mostra que a reafirmação da identidade é usada como uma forma de gestão do estigma religioso.

1.1. Estigma como resultado de raízes sócio-históricas associadas à imposição de normas religiosas dominantes

A primeira parte dos estudos que apresentamos mostra em grande parte que o estigma religioso é resultado de raízes sócio-históricas associadas à imposição de normas religiosas dominantes. Os autores que focam nessa abordagem são: Carvalho, (2005); Simões *et al* (2020); Oliveira (s.d); Resende *et al* (2021) e Azevedo (2006).

O conjunto de informações e conhecimentos são integrados pelos grupos tendo em conta o meio sociocultural, os padrões de interpretação da realidade, seus costumes locais e práticas. Assim, as organizações religiosas estruturam formas de perceber e interpretar a realidade social de acordo com as normas, valores, regras e crenças inerentes a esse espaço social. Os grupos religiosos buscam nestas crenças todo o tipo de justificação e explicação para os comportamentos humanos. Através dos seus valores, estabelece-se o comportamento padrão, aceite por todos e exemplo a seguir. Todos os comportamentos devem-se orientar com base nestes pressupostos sob pena de sofrer sanções sociais. O autor percebe, por um lado, como um grupo religioso consegue produzir um universo simbólico comum que lhe permite proteger-se de qualquer “perigo” que lhe possa “ameaçar”. Por outro lado, tem a ver com a capacidade que um grupo religioso tem de exercer influência sobre os outros grupos directa ou indirectamente através do seu estilo de vida ou das suas mensagens (Carvalho, 2005).

A intolerância religiosa possui um traço cultural na sociedade, tal como a discriminação e o preconceito, que estão ligados às questões sócio-históricas (Batista & Guimarães & Placeres, 2017 *apud* Simões *et al*, 2020). Há religiões que impelem às outras impondo seus rituais e crenças não

permitindo a expressão religiosa sem algum repúdio. Algo que é contraditório, pois a base da diversidade religiosa é a sua liberdade de expressão (Cavalcanti, 2014 *apud* Simões *et al* 2020).

Os autores referem que as religiões de origem africana lidam com uma forma de estigma religioso, pois, devido à escolha da religião, os fiéis são excluídos pela sociedade que abomina as práticas que herdaram preceitos africanos. Essas práticas eram subjugadas aos preceitos da fé cristã e tudo que possuía relação às manifestações africanas foi demonizado (Nascimento & Abib, 2016, *apud* Simões *et al* 2020).

Ademais, referem-se aos estereótipos atribuídos aos seguidores, por usarem adereços no pescoço ou no pé que identificam a sua religião, causando um mal-estar naqueles que utilizam esses acessórios e que são reconhecidos através deles. Assim, a sua utilização é vista como prejuízo nas suas relações profissionais e pessoais, influenciando o seu desenvolvimento social.

A história das grandes religiões monoteístas – o cristianismo, islamismo e o judaísmo – indica momentos de convivência respeitosa, mas também períodos de intolerância entre as diversas religiões e a intra-religião. Os diversos tipos de fundamentalismos – cristão, islâmico, judaico – caracterizam-se como resistência ao processo de modernização das sociedades em todos os períodos e são movidos por comportamentos de busca de eliminação do outro (Silva, 2004 *apud* por Oliveira, s.d).

Quando o preconceito religioso ultrapassa a demarcação de fronteiras identitárias e passa a legitimar desigualdades sociais, torna-se estigmatizante e pode aproximar-se da intolerância ao negar o direito do outro de expressar sua fé. Segundo Ricouer (1995) & Burity (1997) citados por Oliveira (s.d), é essencial abordar os conflitos entre crenças por meio de uma ética da discussão, em espaços públicos que promovam debates e permitam a construção de “consensos conflituais”.

Segundo Resende *et al* (2021), para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade.

O social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder, anulando todos os que rompem ou tentam romper com esse modelo. O diferente passa a assumir à categoria de “nocivo”, ”incapaz”, fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão.

O estigma atinge as minorias sociais, dentre elas o grupo religioso Testemunhas de Jeová. Suas crenças e posições religiosas se reflectem nas suas acções, no quotidiano e nas relações com a sociedade e o Estado e, por serem tais posições diferentes e/ou contrárias das acções de outros actores sociais, são extremamente estigmatizadas. Um dos factores que contribuem bastante para a estigmatização do grupo das Testemunhas de Jeová é a posição de não aceitar transfusão de sangue em nenhuma circunstância. Tal posição é vista como radical pela maioria dos segmentos da sociedade moderna, que ataca o grupo publicamente, usando os meios de comunicação disponíveis para tal. Isso, por sua vez, só vem a aumentar o estigma e o preconceito que o grupo enfrenta por uma vasta parcela da sociedade (Azevedo, 2006).

1.2. Reafirmação da identidade como forma de gestão do estigma religioso

Nesta abordagem destaca-se a ideia segunda a qual o estigma religioso é gerido através da reafirmação da identidade religiosa. Assim, destacamos as contribuições trazidas por: Swatowski (2016); Barra (2010); Carvalho & Campos (2016); Gama (2009) e Peluso (2012).

Swatowski (2016), reconhece a existência de uma percepção estereotipada e estigmatizante das Testemunhas de Jeová. Entretanto, as resistências e distanciamentos que se impõem através da identificação estereotipada das Testemunhas de Jeová e de sua estigmatização social são entendidas como parte da acção demoníaca. As Testemunhas de Jeová, embora tenham uma aceitação legal e apresentem um crescimento significativo, permanecem estereótipos que conferem ao grupo uma imagem negativa e um lugar marginal. Tal lugar social torna-se explícito nas interacções presenciais entre as Testemunhas de Jeová, em plena actividade proselitista, e seus interlocutores. A polémica em torno da questão do sangue e um proselitismo insistente é, de certa forma, invasiva e colabora para uma má reputação do grupo.

As Testemunhas de Jeová sabem que sua identidade é estigmatizada e estão prontas para tentar superar tal estigma na interacção directa. Assim, o distanciamento que se impõem em relação ao mundo e a avaliação que fazem em relação ao “sistema de coisas” colabora para uma dinâmica de produção de segregação. Para as Testemunhas de Jeová, o seu próprio estigma – que os coloca numa posição de inferioridade ou de marginalidade – não é mais do que a prova de que se está a viver no Reino de Satanás.

Através da valorização da razão, procuram elaborar respostas que expliquem a tensão que vivem, especialmente no momento de proselitismo presencial. Dessa forma, as Testemunhas de Jeová têm

de superar um conjunto de estereótipos e driblar a interferência do “iníquo” com uma actuação treinada e com a ajuda do agente divino. Pode-se dizer que se está diante de uma dinâmica social em que a produção de estereótipos e estigmas é reconhecida, interpretada e reelaborada a partir de uma leitura cosmológica específica. Nesse contexto, a resistência é esperada e cosmológicamente prevista. E fronteiras tendem a serem mutuamente reforçadas e reestabelecidas (*Ibid*, 2016).

Por sua vez, Barra (2010), afirma que as Testemunhas de Jeová se protegem evitando a comunicação com grupos, pessoas de outras crenças religiosas e informações ainda que científicas formuladas nos vários meios de comunicação. Os temas mais variados são tratados nas revistas da Organização de Jeová, especialmente na revista *Despertai*. Uma forma de “preservar” a incolumidade das Testemunhas de Jeová mantendo-as, sempre que possível, “fora” do mundo sem retirar delas os conhecimentos vitais. Em todos os sentidos, percebe-se uma preocupação grande das Testemunhas de Jeová em “proteger” seus membros e colocá-los “a salvo” do mundo e, ao mesmo tempo, informá-los sobre o mundo, sempre fazendo um paralelo das ocorrências desastrosas com as previsões da Bíblia.

Carvalho & Campos (2016), reflectem sobre o estigma imposto às Testemunhas de Jeová em face da não-aceitação da transfusão sanguínea, consubstanciado então num estigma religioso. O autor vê a liberdade religiosa como um direito fundamental, mas infelizmente as Testemunhas de Jeová, enquanto pacientes capazes e não aceitantes de transfusão sanguínea são estigmatizadas, carregando consigo um injusto descrédito da sociedade. Destarte, os autores demonstram que há razões religiosas, bioéticas e de segurança para a vida das Testemunhas de Jeová e que fundamentam sua recusa à hemotransfusão, já que estes têm a legitimidade na recusa livre e consentida da transfusão sanguínea, o que advém do exercício de liberdade religiosa.

De igual modo, Gama (2009), faz a sua abordagem trazendo a posição das Testemunhas de Jeová e a polémica que envolve o grupo religioso, frente à sua posição recusar enfaticamente a administração de transfusões de sangue, mesmo em algumas situações sob iminente risco de vida. Afirma que em face de tal quadro, não raro verifica-se reacções acaloradas contra esse grupo religioso que por vezes recebe o rótulo de fundamentalistas, fanáticos e suicidas, mas tal posição deve-se em primeiro lugar, ao entendimento bíblico que esse grupo alimenta de que os “cristãos verdadeiros”, devem obedecer a ordem divina e qualquer uso do sangue diferente da sua função

estabelecida por Deus é absolutamente vedada, mesmo que seu uso seja “por uma boa causa”, para salvar uma vida.

Segundo Peluso (2012), existem muitos estudos intencionais sobre as Testemunhas de Jeová que reforçam o preconceito generalizado, sobretudo as opiniões discriminatórias sobre esse grupo religioso, frequentemente considerado uma “seita”. As Testemunhas de Jeová são um grupo estigmatizado, considerada uma seita pelo Cristianismo, do ponto de vista teológico, por incutirem dogmas que atacam as doutrinas cristãs. Assim, o autor ilustra como as Testemunhas de Jeová utilizam simbolicamente a sua Bíblia, previamente interpretada pelas autoridades da escola central, permitindo que forneçam uma explicação para suas acções religiosas, mesmo em detrimento de outras crenças e compreender como, na sua organização, as formas grupais reforçam a sua proposta de homogeneização do discurso, procurando garantir que cada palavra e cada gesto tenham o mínimo desvio daquilo que estudam e repetem em cada encontro.

1.3.Problema de pesquisa

O problema de pesquisa surge da revisão da literatura, onde autores apresentam as suas contribuições no que tem a ver com o estigma religioso. A maioria dos estudos centra a sua abordagem no estigma, apontando como causas questões sócio-históricas, visto que se considera haver uma imposição de normas religiosas dominantes, não se permitindo, assim, a expressão religiosa das minorias sem repúdio.

Por outro lado, alguns autores mostram que a gestão do estigma pelas Testemunhas de Jeová é feita através da reafirmação da identidade religiosa, tendo em conta que a estigmatização social é entendida como parte da acção demoníaca.

O estigma religioso evidencia-se através de estudos como de Azevedo (2006), ao considerar que, esse atinge o grupo religioso Testemunhas de Jeová. As suas crenças e posições religiosas se reflectem nas suas acções, no quotidiano, nas relações com a sociedade e o Estado, por serem tais posições diferentes e/ou contrárias das acções de outros actores sociais, são extremamente estigmatizadas. Um dos factores que contribuem bastante para a estigmatização do grupo das Testemunhas de Jeová é a posição de não aceitar transfusão de sangue em nenhuma circunstância. Tal posição é vista como radical pela maioria dos segmentos da sociedade moderna, que ataca o grupo publicamente, usando os meios de comunicação disponíveis para tal. Isso, por sua vez, só vem a aumentar o estigma e o preconceito que o grupo enfrenta por uma vasta parcela da sociedade.

Segundo Swatowski (2016), as Testemunhas de Jeová sabem que a sua identidade é estigmatizada e estão prontos para tentar superar tal estigma na interacção directa. O distanciamento que se impõem em relação ao mundo e a avaliação que fazem em relação ao “sistema de coisas” colabora para uma dinâmica de produção de segregação. Para as Testemunhas de Jeová, o seu próprio estigma, não é mais do que a prova de que se está a viver no Reino de Satanás.

No entanto, apesar desses estudos de grande relevância para a compreensão do fenómeno, pouco se discute as várias estratégias usadas pelas Testemunhas de Jeová para gerir o estigma no quotidiano em interacções com pessoas que não partilham da mesma fé.

1.4. Pergunta de partida

O problema de pesquisa conduziu-nos a seguinte pergunta de partida:

Que estratégias as Testemunhas de Jeová utilizam para gerir o estigma religioso em interacções interpessoais?

Partimos do pressuposto de que as Testemunhas de Jeová recorrem ao encobrimento da sua identidade como forma de gerir o estigma religioso nas suas relações interpessoais.

1.5. Objectivos

Geral

- Analisar as estratégias usadas pelas Testemunhas de Jeová na gestão do estigma religioso em interacções interpessoais.

Específicos

- Identificar os contextos sociais nos quais as Testemunhas de Jeová experimentam maior estigmatização;
- Explorar os principais factores que contribuem para o estigma religioso enfrentado pelas Testemunhas de Jeová
- Examinar as estratégias adoptadas pelas Testemunhas de Jeová para gerir o estigma e minimizar seus impactos nas interacções sociais.

CAPÍTULO II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

2.1. Teoria de base

Recorremos à teoria do Estigma sobre a manipulação da identidade deteriorada de Erving Goffman (2004), para explicar o tema que nos propusemos a estudar.

Goffman (2004) considera que a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais. Então, quando um estranho é apresentado, os primeiros aspectos permitem prever a sua categoria e os seus atributos. Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros e assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, sobretudo quando o seu efeito de descrédito é muito grande e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Para Goffman (2004), o termo estigma e os seus sinónimos ocultam uma dupla perspectiva: assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível. No primeiro caso, é uma condição do desacreditado, no segundo de desacreditável.

Existem três tipos de estigma nitidamente diferentes. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de carácter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (*Ibid*, 2004).

Quando normais e estigmatizados se encontram na presença imediata uns dos outros, principalmente quando tentam manter uma conversa, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos são aqueles em que ambos os lados enfrentam directamente as causas e efeitos do estigma. Quando existe uma discrepância entre a identidade virtual e a identidade real de um indivíduo e essa é conhecida ou manifesta, essa

discrepância estraga a sua identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo, de tal modo que ele acaba por se tornar uma pessoa desacreditada. Ademais, o autor afirma que, quando o defeito da pessoa estigmatizada só pode ser percebido ao lhe dirigir a atenção, é provável que ela sinta que estar presente entre normais a expõe cruamente a invasões de privacidade. Esse desagrado em se expor pode ser aumentado por estranhos que se sentem livres para entabular conversas nas quais expressam o que ela considera uma curiosidade mórbida sobre a sua condição, ou quando eles oferecem uma ajuda que não é necessária ou não é desejada.

Goffman (2004) menciona algumas técnicas de gestão de estigma empregadas pelos desacreditáveis, bem como pelos desacreditados a fim de minimizar os impactos do estigma. O encobrimento é uma das possibilidades encontradas entre os extremos de completo segredo, por um lado, e informação completa, por outro. Devido às grandes gratificações trazidas pelo facto de ser normal, quase todos os que estão numa posição em que o encobrimento é necessário, tentarão fazê-lo em alguma ocasião. Uma estratégia de encobrimento é apresentar os signos de seu estigma como signos de um outro atributo que seja um estigma menos significativo.

Goffman (2004) considera algumas das técnicas usuais empregadas por aqueles que têm um defeito secreto, a fim de manipular a informação crucial sobre si. Uma técnica de controlo da informação é esconder ou eliminar signos que se tornaram símbolos de estigma, manusear os riscos, dividindo o mundo em um grande grupo, a quem não revela nada, e um pequeno grupo, a quem revela tudo e sobre o qual se apoia; ele opta para exhibir sua máscara precisamente àqueles indivíduos que, em geral, constituiriam o maior perigo.

A manutenção voluntária de vários tipos de distância é estrategicamente empregada por aqueles que se encobrem, com os desacreditáveis utilizando, aqui, quase as mesmas estratégias que dos desacreditados, porém por motivos ligeiramente distintos. Recusando ou evitando brechas de intimidade, o indivíduo pode evitar a obrigação consequente de divulgar informação. Uma outra estratégia é a revelação devida à etiqueta, na qual o indivíduo admite o seu próprio defeito como uma questão de facto, baseando-se na suposição de que os presentes estão acima de tais preocupações ao mesmo tempo que os impede de cair numa armadilha, demonstrando que não o estão.

Já o acobertamento é empregado em casos em que o estigma é conhecido ou imediatamente visível. O objectivo do indivíduo é reduzir a tensão, ou seja, tornar mais fácil para si mesmo e para os outros uma redução dissimulada ao estigma, e manter um envolvimento espontâneo no conteúdo público da interacção.

A teoria de Goffman (2004) é relevante para o tema em análise, pois mostra que a sociedade estabelece normas e valores que tornam-se dominantes e os que são percebidos como “diferentes” e, muitas vezes, como ameaças ao *status quo* sofrem algum tipo de rejeição. Além disso, ajuda a explorar as estratégias que os estigmatizados usam para gerir suas identidades. Portanto, a teoria explica o fenómeno do estigma, evidencia as suas implicações práticas e ajuda-nos a entender como as Testemunhas de Jeová respondem ao estigma, tornando-se indispensável para o entendimento mais aprofundado do tema.

2.2. Definição de conceitos

Nesta subsecção, apresentamos os conceitos identificados na pesquisa. São eles: *Religião, Estigma, Identidade social e Identidade Religiosa*.

2.2.1 Religião

As múltiplas definições de religião podem dividir-se em dois grupos: substantivas, descritoras do que ela é, da sua essência, das suas crenças e práticas, da experiência do outro ou do sagrado; funcionais, referentes ao que ela faz, ao seu papel, à sua função social. Cada definição, mesmo marcada pelo contexto temporal, social, académico e ideológico do autor, concorre para a compreensão da religião (Coutinho, 2012).

Do ponto de vista substantivo, a religião caracteriza-se pela ligação do Homem com algo superior ou transcendente, o seu objecto. O contexto cultural influencia sobremaneira a definição de religião e nas sociedades ocidentais, onde se associa a religião à relação com algo transcendente, ela é sistema mediador entre o Homem e entidades superiores. Entre as definições mais simples encontram-se a de Tylor (1920): “crença em seres espirituais” e a de Berger (1990): estabelecimento de um cosmos sagrado (Coutinho, 2012).

Geertz (1966) sustenta a ideia segundo a qual religião é “um sistema de símbolos que estabelece sentimentos e motivações poderosos, penetrantes e duradouros, pela formulação de concepções de

uma ordem geral de existência e pelo seu revestimento com uma tal aura de facticidade que tornam os sentimentos e as motivações unicamente realísticos.”

Glock & Stark definem religião como “sistemas institucionalizados de crenças, símbolos, valores e práticas que fornecem a grupos de homens soluções para as suas questões de sentido último.” Em Durkheim, a religião “é um sistema unificado de crenças e de práticas relativo a coisas sagradas (...) que unem os seus aderentes numa comunidade moral única denominada igreja” (Durkheim, 2001 *apud* Coutinho, 2012).

Já sob o ponto de vista funcional, Hume (1975) considerava que a religião tem como função “regular o coração dos homens, humanizar a sua conduta, infundir o espírito de temperança, ordem e obediência”. Para Parsons (1957), a religião “proporciona critérios para avaliação dos padrões morais reguladores da conduta humana”. Já em Cipriani (2004), a religião “é basicamente um agente para difundir valores” (*Ibid*, 2012).

Portanto, para Coutinho (2012), em termos substantivos, a religião é um sistema composto por descrições do sagrado, respostas ao sentido do mundo e da vida (crenças), meios, sinais, experiências de ligação a esse sagrado (práticas), orientações normativas do comportamento (valores) e actores colectivos com regras e recursos próprios (colectividades). Em termos funcionais, a religião permite regular e justificar a conduta individual (normativa), providenciar coesão social (coesiva), consolar e aliviar (tranquilizante), fortificar a vontade (estimulante), dar sentido à vida (significante), possibilitar a experiência do sagrado (experencial), crescer e amadurecer (maturativa), proporcionar identidade (identitária) e ministrar salvação (redentora).

Tendo em conta os dois grupos de definições acima mencionadas, constatamos que a religião pode ser entendida tanto como um sistema de crenças e práticas voltadas ao sagrado, bem como uma instituição que cumpre diversas funções sociais. Assumimos para a nossa pesquisa a definição funcional da religião. Essa abordagem destaca o papel da religião como agente social que regula comportamentos, promove a coesão e fornece critérios morais. A perspectiva funcional nos permite analisar como é gerido o estigma pelas Testemunhas de Jeová no quotidiano individual, ou seja, ao adoptar a definição funcional, a pesquisa foca na crença e na influência prática que a religião exerce sobre o comportamento e a integração social dos seus crentes.

2.2.2 Estigma

Inicialmente, a conceituação contemporânea que se faz de estigma, que era a marca de um corte ou de uma queimadura, é de que “representa algo de mal, que deve ser evitado, uma ameaça à sociedade, isto é, uma identidade deteriorada por uma acção social”. Assim, estudiosos da Sociologia não demandaram de grandes esforços para descrever as condições estruturais do estigma, ou mesmo para fornecer uma definição do próprio conceito (Carvalho, 2016).

Goffman (2004) afirma que o estigma acontece quando surgem evidências de que um indivíduo possui um atributo que o torna diferente de outros e assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída.

Ainlay, Coleman & Becker (1986) citados por Siqueira & Cardoso (2011), apresentam uma proposta de definição de estigma pautando-se, primordialmente, nas ideias de Goffman. Assim, estigma, para os autores é uma construção social, onde os atributos particulares que desqualificam as pessoas variam de acordo com os períodos históricos e a cultura, não lhes propiciando uma aceitação plena social. Deste modo, as pessoas são estigmatizadas somente num contexto, o qual envolve a cultura; os acontecimentos históricos, políticos e económicos e uma dada situação social, ou seja, a estigmatização não é uma propriedade individual. Alguns estigmas perpetuam durante épocas, porém, muitos são findáveis e característicos de um dado contexto histórico, social e cultural.

Por sua vez, Becker & Arnold (1986) citados por Siqueira & Cardoso (2011), definem estigma como a condição de não possuir atributos considerados importantes por um grupo social. Aquele que é estigmatizado pode sofrer um complexo processo de normatização, o qual se dá pela forma que o indivíduo estigmatizado se adapta à sociedade, a fim de reduzir sua diferença em relação às normas culturais.

Para a pesquisa assumimos a definição trazida pelo teórico Goffman (2004), que define o estigma como um atributo profundamente depreciativo e acontece quando surgem evidências de que um indivíduo possui um atributo que o torna diferente de outros e assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída, mas também levamos em consideração os conceitos que afirmam que este é uma construção social influenciada pelo contexto histórico, cultural e estrutural.

2.2.3 Identidade social

Segundo Goffman (2004), ao sermos apresentados a um estranho, os primeiros aspectos observados nos permitem prever sua categoria e atributos, ou seja, sua identidade social. O autor separa essa identidade social em duas partes: a identidade social virtual e a identidade social real.

- **Identidade social virtual:** é a caracterização efectiva que fazemos de um indivíduo com base nas expectativas normativas que projectamos sobre ele, ou seja, aquilo que presumimos que ele deveria ser.
- **Identidade social real:** corresponde à categoria e aos atributos que o indivíduo, na realidade, prova possuir, aquilo que ele realmente é.

O estigma surge quando há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real, sobretudo quando essa diferença gera um efeito de descrédito.

Por sua vez, para Bradley (1996) citado por Tílio (2009), a identidade social deve ser entendida como a forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios.

Dubar (2005) citado por Saiete (2011), afirma que uma identidade social resulta da interacção do indivíduo com o meio em que se encontra e ela não é estática, mas dinâmica, pois evolui e varia à medida que a sociedade muda e à medida que os contextos e indivíduos com os quais interagimos também se transformam. Assim, o autor distingue dois processos complementares na construção da identidade social dos indivíduos: o primeiro processo é a atribuição, o momento em que a colectividade diz aquilo que o indivíduo é, usando categorias socialmente disponíveis e mais ou menos legítimas a níveis diferentes, onde podemos destacar denominações étnicas, regionais, profissionais, religiosas, e neste processo o indivíduo não tem muito “espaço” para poder se auto-afirmar. O segundo processo é a interiorização, quando o indivíduo passa a assumir e defender uma identidade que acha ser sua, porém, foi socialmente construída a partir da interacção deste com o meio social em que se encontra.

Portanto, analisando estes dois processos, entende-se que o marco definidor da identidade social é a interacção social, ou seja, é no processo de interacção social com os outros que o indivíduo define o que é e em função também daquilo que os outros dizem que ele é.

Neste estudo, adopta-se o conceito de identidade social proposto por Erving Goffman (2004), segundo o qual esta se constitui a partir da forma como um indivíduo é percebido pelos outros no momento da interacção social. A identidade social é, assim, constantemente sujeita à avaliação e julgamento social, e o estigma emerge quando há uma discrepância entre a identidade social virtual e a real, sobretudo quando essa diferença provoca descrédito ou rejeição por parte da sociedade. A adopção do conceito de identidade social com base em Goffman é relevante para a análise das estratégias de gestão do estigma pelas Testemunhas de Jeová, visto que permite compreender como esses indivíduos são frequentemente alvo de expectativas sociais normativas (identidade virtual), que nem sempre coincidem com as suas práticas e crenças religiosas (identidade real), dando origem a processos de estigmatização.

2.2.4 Identidade religiosa

No campo das ciências sociais, a identidade religiosa tem sido abordada no tocante às rotulações das mais variadas, como a absorção de novos valores, as escolhas, a hibridização de crenças e passagens do religioso por culturas que funcionam como bússolas, norteiam, constroem e partilham os comportamentos sociais (Costa, 2014 *apud* Souza & Pereira, 2018).

Segundo Cantarella & Panasiwicz (2017), os debates sobre pluralismo religioso e diálogo trazem, dentre seus temas, a questão das identidades e, especificamente, das identidades religiosas. Quando se fala da identidade religiosa, trata-se da experiência de pertença a um grupo, tradição ou movimento religioso, expressa por determinadas representações, marcada por contrastes em relação a outros grupos e tradições. Enquanto experiência histórica singular, as identidades religiosas se revelam em complexos sistemas de representação, marcados por gestos, ritos e formações discursivas simbólicas. Destacam-se, dentre estas, as narrativas fundacionais.

O ser humano não vive só, mas participa de um contexto sócio-cultural-religioso que lhe molda a identidade, definindo-lhe os papéis que deverá desempenhar, como actor, em seu universo vivencial. Os valores sócio-culturais e religiosos interferem na construção da identidade dos seres humanos, e também há influência de factores que precedem a sua existência. A identidade do ser humano é socialmente construída, uma vez que, a sociedade fornece os valores e exerce controlo sobre nossas acções. Muitas das acções são delineadas pelos grupos religiosos a que pertencemos, pois é através das acções de seus membros que o sistema religioso se perpetuará. As convicções religiosas são molas propulsoras de desempenhos sociais. Portanto, as religiões são pontos

importantes, pois, fornecem modelos de identidade e propiciam pontos referenciais para entender os direitos humanos, e para perceber a importância de valores imateriais (Liberal, 2008).

Neste trabalho, adopta-se o conceito de identidade religiosa como a experiência de pertença a um grupo, tradição ou movimento religioso, expressa através de representações, rituais, narrativas simbólicas, práticas e valores partilhados, que conferem ao indivíduo uma orientação existencial e um sentido de lugar no mundo (Cantarela & Panasiewicz, 2017).

A abordagem adoptada destaca a identidade religiosa como um processo relacional e socialmente situado, e não apenas como uma crença individual. Adoptar este conceito permite, portanto, compreender como a fé actua como estrutura orientadora da vida social e como recurso de resistência frente aos efeitos do estigma, ao mesmo tempo que reforça a sua coesão interna.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico usado para a efectivação da pesquisa. Assim, destacamos os métodos e técnicas que foram empregadas para a obtenção de dados e concretização do estudo, de acordo com os objectivos propostos.

3.1. Método de pesquisa

A pesquisa foi realizada com recurso à metodologia qualitativa. Nesse método de pesquisa o cientista objectiva aprofundar-se na compreensão dos fenómenos que estuda – acções dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação (Oliveira, 2011).

O método permitiu a exploração de múltiplas perspectivas e a descoberta de novas informações durante o processo de pesquisa, o que tornou-se relevante em um contexto em que o estigma é dado e gerido de forma multifacetada. Ademais, permitiu que os participantes expressassem suas experiências de forma mais detalhada e reflexiva.

Por fim, como o estudo não busca apenas quantificar a incidência do estigma pelas Testemunhas de Jeová, mas identificar os contextos sociais, factores que contribuem para o estigma e as estratégias de gestão, o método qualitativo se mostra a escolha mais apropriada, pois permite capturar as complexidades sociais que não seriam acessíveis por meio de dados numéricos, fornecendo uma visão mais holística e interpretativa do fenómeno.

3.2. Método de procedimento

Os métodos de procedimento constituem etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais estrita em termos de explicação geral dos fenómenos menos abstractos. Estes, pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenómeno e estão limitados a um domínio particular.

Na pesquisa privilegiamos o estudo de caso, que pressupõe observar determinadas realidades sociais, que afectam indivíduos e grupos sociais particulares, a partir do qual o caso particular analisado, é considerado como significativo para o todo. O método fundamenta ainda, a exploração dos casos particulares em profundidade, de modo que se preserve os aspectos centrais e imprescindíveis da investigação (Lakatos & Marconi, 2003).

O uso do estudo de caso é justificado pela necessidade de uma investigação aprofundada sobre as experiências e estratégias adoptadas pelas Testemunhas de Jeová para lidar com processos de estigmatização. Além disso, o método permite explorar a gestão do estigma não apenas em nível individual, mas também colectivo.

3.3. Técnica de recolha de dados

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (Fonseca 2002 *apud* Sousa *et al*, 2021).

A base da pesquisa bibliográfica são os livros, teses, artigos e outros documentos publicados que contribuem na investigação do problema proposto na pesquisa. Não basta realizar uma revisão bibliográfica que não irá contribuir no desenvolvimento, deve conter conhecimentos significativos que colaboram com a evolução do trabalho. Assim uma pesquisa bibliográfica se resume em procedimentos que devem ser executados pelo pesquisador na busca de obras já estudadas na solução da problemática através do estudo do tema (Bocato, 2006 *apud* Sousa *et al*, 2021).

A observação é considerada uma técnica de colecta de dados para conseguir informações sobre determinados aspectos da realidade. Ela ajuda o pesquisador a “[...] identificar e obter provas a respeito de objectivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento”. A observação também obriga o pesquisador a ter um contacto mais directo com a realidade. Como a maioria das técnicas de pesquisa, a observação sempre deve ser utilizada juntamente com outra técnica de pesquisa, pois, do ponto de vista científico, essa técnica possui vantagens e limitações que podem ser administradas com o uso concorrente de outras técnicas de pesquisa (Marconi & Lakatos, 1996 *apud* Olivera, 2011).

A entrevista é uma oportunidade de conversa presencial, utilizada para “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”, ou seja, ela fornece dados básicos para “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” em relação aos actores sociais e contextos sociais específicos (Minayo, 2008; Cervo; Bervian, 2007 *apud* Oliveira, 2011).

Na pesquisa, propusemo-nos a recolher os dados por meio da entrevista semi-estruturada. O roteiro nesse tipo de entrevista pode possuir até perguntas fechadas, geralmente de identificação ou classificação, mas possui principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de falar mais livremente sobre o tema proposto (*Ibid*, 2011).

A pesquisa bibliográfica permitiu situar o tema dentro da sociologia da religião e compreender as principais contribuições feitas. No trabalho de campo, a aplicação das técnicas acima mencionadas, ocorreu de forma articulada: inicialmente, foi realizada a observação directa durante as reuniões e interações informais na Congregação T3 portuguesa em Maputo, onde constatou-se que, após o término das reuniões, os membros permanecem no espaço congregacional por, no mínimo, uma hora, reunindo-se espontaneamente em pequenos grupos, geralmente compostos por sete a dez pessoas. Nesses momentos, desenvolvem conversas que abrangem tanto temas relacionados à vida congregacional, quanto aspectos da vida pessoal, partilhando experiências quotidianas. Essa prática de prolongar a convivência após as reuniões mostra-se significativa, porque evidencia a centralidade das interações face a face no fortalecimento da coesão interna, bem como na construção de redes de apoio social entre os membros. A observação destes encontros informais permitiu compreender como as Testemunhas de Jeová equilibram a vida religiosa com a vida pessoal.

Em seguida, foram conduzidas entrevistas semi-estruturadas com jovens membros da congregação, utilizando um roteiro previamente elaborado, mas ajustando as perguntas de acordo com as respostas e temas que surgiam no decorrer da conversa, ou seja, sempre que o entrevistado trazia elementos relevantes, fazia novas perguntas de aprofundamento e pedia exemplos ou esclarecimentos adicionais e algumas vezes, as respostas lavavam-nos além do que estava no roteiro inicial, o que trazia informações inesperadas, mas bastante valiosas para a compreensão do tema.

Essas entrevistas foram realizadas em locais previamente acordados, de forma individual, para garantir um ambiente de confiança e privacidade, gravadas com consentimento dos participantes e em alguns casos recorremos a anotações para posterior transcrição e análise. Essa abordagem possibilitou compreender, como os entrevistados percebem e gerenciam o estigma religioso no seu dia-a-dia, de modo a complementar e validar as informações obtidas por meio da revisão bibliográfica e da observação. A combinação dessas técnicas permitiu uma visão mais ampla e detalhada sobre como as Testemunhas de Jeová gerenciam o seu estigma nas interações sociais.

A escolha pela Congregação T3 portuguesa justifica-se pelo facto dos seus membros terem aceite a realização das entrevistas. Importa salientar que, numa primeira tentativa, procurou-se desenvolver o estudo na congregação da CMC portuguesa, por motivos de acessibilidade. No

entanto, os membros recusaram participar, receando que as informações fornecidas pudessem ser utilizadas contra a organização. Esse episódio mostra como as experiências de estigmatização influenciam o grupo a adoptar mecanismos de protecção. Assim, a aceitação encontrada na congregação T3, em contraste com a recusa registada na CMC portuguesa, enriquece a análise do estigma, ao mostrar simultaneamente as barreiras de acesso e as possibilidades de diálogo.

3.4. Técnicas de análise de dados

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados colectados, que visa à interpretação de material de carácter qualitativo, assegurando uma descrição objectiva, sistemática e com a riqueza manifestada no momento da colecta dos mesmos (Oliveira, 2011).

Pelo facto do tema proposto nessa pesquisa se ter mostrado multifacetado e complexo, a análise de conteúdo é apropriada por permitir maior profundidade no conteúdo das entrevistas, documentos ou outras fontes de dados colectados. O uso da análise de conteúdo é justificado também, pela necessidade de interpretar, de maneira sistemática e rigorosa, as percepções, experiências e estratégias empregadas pelas Testemunhas de Jeová para gerir o estigma, pois possibilita identificar padrões e categorias emergentes nos depoimentos, tornando visíveis elementos que poderiam passar despercebidos em uma leitura superficial dos dados.

Na prática, a análise de conteúdo foi realizada a partir da transcrição integral das entrevistas semi-estruturadas e da organização das notas de observação, preservando o anonimato dos participantes. Em seguida, foram feitas várias leituras atentas do material, destacando trechos relevantes e criando códigos que representavam ideias, comportamentos ou estratégias relacionadas à gestão do estigma. Esses códigos foram agrupados em categorias mais amplas, que foram refinadas à medida que revia os dados e confrontava as informações obtidas nas entrevistas com as observações de campo e com a revisão bibliográfica, especialmente à luz da teoria do estigma de Goffman. Esse processo permitiu identificar padrões, temas recorrentes e elementos que revelaram como as Testemunhas de Jeová gerem o estigma no seu quotidiano.

3.5. População

População consiste num conjunto definido de elementos que possuem determinadas características em comum (Gil, 2008).

Para a pesquisa, buscou-se jovens Testemunhas de Jeová que participam activamente das actividades religiosas e que relatam terem sofrido algum tipo de estigma por fazer parte da organização.

3.5.1. Amostra e Amostragem

A amostra é o subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população (Gil, 2008).

Seleccionámos vinte (20) crentes activos das Testemunhas de Jeová na faixa etária dos 18 aos 35 anos de idade. A definição da amostra foi orientada pela necessidade de alcançar um equilíbrio entre a profundidade analítica e a viabilidade prática do estudo. Esse número é considerado suficiente para garantir diversidade de perspectivas, sem comprometer a qualidade da análise e o tempo disponível para a realização e transcrição das entrevistas. Nesse sentido, o total de 20 entrevistados mostrou-se adequado para captar diferentes experiências e estratégias de gestão do estigma, mantendo o foco na consistência interpretativa dos dados.

Na pesquisa usou-se a técnica de amostragem não probabilística. A amostragem não probabilística não apresenta fundamentação matemática ou estatística, dependendo unicamente de critérios do pesquisador (Gil, 2008).

Verificamos ser mais apropriada para o tema proposto a amostragem por tipicidade ou intencional, que consiste em seleccionar um sub-grupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população (*Ibid*, 2008).

A selecção ocorreu de forma prática a partir dos critérios previamente definidos para a pesquisa. Após estabelecer esses critérios, dirigi-me ao campo de estudo e identifiquei os indivíduos que se enquadram no perfil estipulado. Uma vez confirmada a elegibilidade, as entrevistas passaram a ser conduzidas. Assim, a amostragem por tipicidade ou intencional, permitiu uma obtenção mais aprofundada de informações sobre as experiências, perspectivas e realidades vividas pelas Testemunhas de Jeová perante o estigma em interações interpessoais no quotidiano.

3.5.2. Critérios de escolha dos participantes: inclusão e exclusão

- **Inclusão:** ser Testemunha de Jeová activo; ter entre 18 e 35 anos de idade; ter tido experiência de estigmatização; estar disposto a participar voluntariamente da pesquisa.

- **Exclusão:** ser Testemunha de Jeová não praticante; nunca ter sofrido estigmatização; ser menor de 18 anos de idade; não aceitar ser entrevistado sem benefícios monetários.

3.6. Questões éticas

A ética pode ser definida como normas ou padrões comportamentais que guiam as escolhas morais referentes ao comportamento de cada um e a relação com outras pessoas (Cooper e Schindler, 2003 *apud* Zavala, 2022).

Na pesquisa, durante a recolha de dados as questões éticas foram observadas com vista a garantir a integridade e o respeito pelos participantes da pesquisa. Primeiramente, foi apresentado o consentimento informado aos entrevistados, explicando claramente o propósito da entrevista, os objectivos e como os dados serão utilizados. Os participantes foram informados que sua participação era totalmente voluntária e que poderiam se retirar a qualquer momento, sem consequências. Além disso, foram esclarecidos sobre o uso das informações colectadas e sobre a garantia de confidencialidade.

A pesquisa lida com experiências individuais relacionadas ao estigma, um tema delicado que envolve sentimentos de exclusão e discriminação. Os participantes foram informados que os dados seriam recolhidos de forma anónima, impedindo que suas identidades fossem reveladas.

Como o estudo envolve questões religiosas, houve o cuidado de evitar julgamentos ou qualquer tipo de imposição de valores sobre os entrevistados. O papel do pesquisador foi de um observador imparcial, interessado em compreender as experiências de estigma dos participantes sem influenciar suas respostas. Isso também significou que as perguntas foram elaboradas de maneira respeitosa e não tendenciosa, permitindo que os entrevistados expressassem livremente suas opiniões e vivências. Todos os participantes foram tratados com igualdade, independentemente de sua posição dentro da comunidade religiosa ou de sua experiência pessoal com o estigma. O objectivo da pesquisa não foi reforçar estereótipos, mas compreender, a partir de seus próprios relatos das Testemunhas de Jeová sobre como gerenciam o estigma no seu quotidiano.

3.7. Constrangimentos do estudo e formas de superação

Durante a condução do estudo, alguns constrangimentos práticos e éticos emergiram, exigindo do pesquisador uma postura adaptativa e sensível.

Tivemos como dificuldade inicial a fraca existência de literatura sobre as Testemunhas de Jeová, concretamente sobre o estigma que estes têm sofrido em Moçambique. Para superar tal obstáculo optámos por buscar estudos que versam sobre o estigma desenvolvido em outros contextos. Outro desafio enfrentado foi a resistência inicial por parte dos participantes. Alguns jovens mostraram-se hesitantes em colaborar com a pesquisa, temendo julgamentos por parte da liderança religiosa ou por não compreenderem plenamente os objectivos do estudo. Para contornar essa situação, o pesquisador fez questão de explicar detalhadamente os propósitos da investigação, assegurar o anonimato, a confidencialidade dos dados e a utilização estritamente académica das informações recolhidas. A construção de um vínculo de confiança foi essencial para fomentar a abertura dos entrevistados.

Outro constrangimento foi o forte controlo doutrinário presente na organização das Testemunhas de Jeová, o qual se manifesta nos discursos, nas atitudes e formas de expressão dos fiéis. Muitos jovens recorrem a uma linguagem doutrinária padronizada, o que dificultou a obtenção de respostas mais pessoais e reflexivas. Para superar essa limitação, o investigador recorreu a perguntas abertas e situacionais, baseadas em episódios do quotidiano dos participantes, a fim de estimular narrativas mais espontâneas e menos moldadas institucionalmente.

A dificuldade em gravar as entrevistas também se revelou como um obstáculo. Em certos casos, os participantes não se sentiram confortáveis com a gravação de suas falas, mesmo com autorização prévia. Diante disso, optou-se por uma estratégia de registo manual, complementado por anotações de campo logo após os encontros, garantindo assim o máximo de fidelidade possível às declarações.

O medo de repercussão social constituiu igualmente um factor de bloqueio. Alguns jovens expressaram preocupação com o facto de que suas falas pudessem, eventualmente, ser associadas às suas identidades ou usadas contra eles dentro do ambiente congregacional.

Para lidar com esse receio, o pesquisador reforçou, em todos os momentos, que os nomes não seriam citados na pesquisa. Em determinados momentos, a realização das entrevistas coincidiu

com actividades internas da congregação, o que dificultou a marcação de encontros ou levou a interrupções indesejadas. Houve também a dificuldade de um encontro presencial com alguns fiéis, a solução foi realizar entrevistas por chamadas de voz.

Finalmente, a presença do próprio investigador, sobretudo por não ser membro da congregação, poderia ter gerado um efeito de autocensura ou de desejo de agradar. Para mitigar esse impacto, adoptou-se uma postura ética, empática e valorizar o relato subjectivo dos participantes como fonte de conhecimento sociológico.

3.8. Limitações do estudo

A primeira limitação é geográfica, visto que o estudo é restrito a uma única congregação em Maputo, o que pode não representar a realidade de outras congregações nas zonas rurais ou noutras cidades do país, onde o contexto social, económico e até a forma como o estigma é experienciado pode variar significativamente. Ao focar apenas em jovens, o estudo exclui a percepção e a experiência de outros grupos etários (adultos e idosos), que podem gerir o estigma de forma distinta. A construção da identidade religiosa e a interacção com a sociedade pode variar com a idade. Ao entrevistar apenas membros da congregação, há o risco de se captar apenas a visão interna (ou institucionalizada) do fenómeno, sem considerar a percepção da sociedade em geral sobre os fiéis (o que pode limitar a análise da construção do estigma social).

Devido à amostragem pequena e específica (uma congregação e um grupo etário), os resultados não podem ser generalizados para toda a organização das Testemunhas de Jeová em Moçambique ou mesmo em Maputo.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo é dedicado à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos a partir do trabalho de campo realizado junto das Testemunhas de Jeová. Esta secção, tem como principal propósito analisar as informações recolhidas, de modo a compreender de que maneira as Testemunhas de Jeová lidam com as situações de estigmatização vivenciadas no seu quotidiano. Neste sentido, os objectivos e a perspectiva teórica de Erving Goffman (2004) definidos para a pesquisa, são guias nesse processo.

Dividimos a nossa análise em quatro (04) subcapítulos principais que vão de acordo com a estrutura do guião de entrevista. Buscaremos primeiramente apresentar o perfil sócio-demográfico dos entrevistados, em seguida identificar os principais contextos sociais em que as Testemunhas de Jeová enfrentam maior estigmatização; em terceiro, explorar os principais factores que contribuem para a construção e reprodução do estigma religioso e por fim, será dada especial atenção às estratégias adoptadas para gerir o estigma e minimizar os seus impactos nas interacções sociais.

4.1. Perfil sócio-demográfico dos entrevistados

A análise do perfil sócio-demográfico dos entrevistados, permite compreender as características básicas da população. Para tal, foram considerados critérios como idade, género, nível académico, ocupação, tempo de adesão à religião e frequência de participação nas reuniões e outras actividades da congregação.

A população em estudo foi constituída por vinte (20) entrevistados, de idades compreendidas entre 18 aos 35 anos, estes que estão concentrados na faixa etária entre 18 e 30 anos, seguidos pelos participantes com a faixa etária dos 31 a 35 anos, o que demonstra que todos os participantes são jovens. Quanto ao género, a maioria dos entrevistados é do sexo masculino, com um total de 13 participantes e com 7 participantes do sexo feminino.

Quanto aos locais de moradia, todos os entrevistados são residentes do Município da Matola, estando as suas residências distribuídas nos Bairros T-3, Infulene, Ndlavela e Zona Verde. Verifica-se que a maioria dos entrevistados reside no Bairro T-3, com um total de 11 entrevistados,

seguido do Bairro Infulene, com um total de 5 entrevistados, o Bairro Ndlavela, com 3 entrevistados, e, por fim, o Bairro da Zona Verde, com apenas 1 entrevistado.

No que concerne ao nível académico, todos os entrevistados concluíram a 12ª classe do Sistema Nacional de Educação. Dentre eles, um deu continuidade aos estudos, estando no Ensino técnico-profissional, e quatro frequentam actualmente o ensino superior.

A ocupação dos entrevistados varia, sendo que quatro são exclusivamente estudantes, quinze são exclusivamente trabalhadores, e um acumula as duas condições, sendo simultaneamente estudante e trabalhador.

Alguns entrevistados têm entre 2 a 5 anos de envolvimento com a congregação, enquanto outros apresentam mais tempo de adesão entre 6 e 12 anos, o que indica um vínculo mais consolidado com a organização. Os períodos de adesão à religião permitem observar diferentes estágios de experiência nas actividades da congregação, o que notamos influenciar na forma como cada entrevistado percebe e vivencia o estigma associado à sua identidade religiosa. Para as Testemunhas de Jeová, só depois do baptismo é que o indivíduo passa a ser oficialmente considerado membro da organização. Os indivíduos interessados e estudantes da Bíblia frequentam as reuniões e actividades religiosas, mas não são formalmente reconhecidos como membros da organização. A partir do baptismo os membros são reconhecidos como Testemunhas de Jeová, com todos os direitos e responsabilidades que isso implica.

Os anos acima mencionados não são de participação nas actividades religiosas, mas contam a partir do baptismo em que o indivíduo é oficialmente considerado membro das Testemunhas de Jeová e passa a participar plenamente na pregação de casa em casa, ser elegível para assumir responsabilidades na congregação e ser sujeito à disciplina organizacional caso se desvie das normas estabelecidas.

Todos os entrevistados participam com regularidade das reuniões realizadas duas vezes por semana (às Sextas-feiras e aos Domingos), e de pelo menos duas outras actividades.

4.2. Contextos sociais e experiências de estigmatização enfrentadas pelas Testemunhas de Jeová

Neste subcapítulo, analisamos os depoimentos das Testemunhas de Jeová a partir das experiências relatadas sobre os múltiplos contextos sociais em que enfrentam maior estigmatização. A identidade religiosa das Testemunhas de Jeová estrutura o seu comportamento moral e social ao mesmo tempo que os torna alvos de estigmatização e isolamento.

Para melhor análise, optamos por dividir este sub-capítulo em duas (2) categorias que representam os principais espaços onde os entrevistados têm vivenciado maior estigmatização, nomeadamente: *Instituições e Agentes de socialização na produção e reforço do estigma: família, escola, ambiente laboral, amigos e vizinhos e Reacções frente à autodeclaração como Testemunha de Jeová: espanto, perguntas e associação imediata à aparência.*

No ambiente familiar, o estigma se manifesta quando pais ou outros parentes não aceitam a decisão dos jovens de seguirem as orientações da religião. A fé é muitas vezes vista como fanatismo ou desobediência às normas da casa. Apesar disso, alguns entrevistados relatam que primeiro sofreram oposição por parte dos seus parentes mais próximos, mas com o tempo, apesar de não concordarem, há um certo respeito pelas suas escolhas à medida que ficam mais crescidos. Esse processo demonstra que a convivência quotidiana pode suavizar tensões iniciais, mesmo sem eliminar completamente o estigma. A família, embora seja uma instituição primária de socialização, também torna-se um espaço de resistência. Tal como os entrevistados afirmam:

“A maior dificuldade está na família. Eu sofro oposição por parte da minha mãe [...] ela uma vez queimou as minhas roupas e fala muito mal das Testemunhas de Jeová. Até chegou a falar com pessoas próximas no sentido de que as Testemunhas de Jeová estão a fazer uma lavagem cerebral em mim.” (Entrevistado 12, 19 anos)

“Minha Mãe era líder de uma igreja em que eu tinha crescido e a reacção dela quando soube que queria ser Testemunha de Jeová não foi nada positiva. Quando casei-me e saí de casa, mesmo não concordando entendeu e agora respeita.” (Entrevistado 06, 35 anos)

“A dificuldade foi primeiramente por conta do meu pai, nenhum parente meu é Testemunha de Jeová, então praticamente passei muitas dificuldades no sector familiar

por conta de certas celebrações, alguns feriados e datas que não comemoro”.
(Entrevistado 20, 25 anos)

Os depoimentos levam-nos a compreender que o ambiente familiar não é um espaço neutro, mas funciona como um agente de controlo social, onde qualquer desvio das crenças predominantes pode ser interpretado como ameaça. A escolha de seguir a religião, nesses contextos, é vista como um rompimento com a identidade colectiva da família, o que gera reacções negativas e tentativas de correcção ou punição. O estigma não se expressa só em palavras, mas também em atitudes concretas de exclusão prática. Ainda assim, os relatos também indicam que, com o tempo, há casos em que a rejeição inicial dá lugar a uma aceitação. Isso demonstra que o estigma, embora presente, pode ser parcialmente atenuado nas relações familiares, à medida que os indivíduos constroem suas trajectórias e reafirmam suas escolhas religiosas com consistência e autonomia.

Bourdieu (1989) concebe o poder simbólico como um poder oculto, ou seja, aquele que não se mostra como um poder não aparenta ser um meio de coerção e o indivíduo não sabe ou não se apercebe que está a ser dominado. As estruturas servem como instrumentos de dominação e impõem uma ideologia à classe dominada. A violência simbólica que consiste em assegurar a dominação de uma classe sobre outra é exercida pelo poder simbólico e os dominados não sabem que são vítimas de uma violência simbólica.

Para Minuchin (1982) citado por Melo (2000), a família é uma unidade social que desenvolve múltiplos papéis fundamentais para o crescimento psicológico do sujeito, convive com as mudanças de valores, de padrões éticos, económicos, políticos e ideológicos cuja finalidade é acompanhar as transformações da sociedade. Transmite a tradição e representa o cenário do imaginário cultural, com os significados e significantes dos ritos e mitos do presente e do passado, construindo sua história particular, marcando as relações internas e externas dos vínculos afectivos e sociais, com a intenção de estruturar o universo psicológico dos membros do grupo familiar. Através dos vínculos estabelecidos na família, o sujeito estigmatizado pode encontrar o suporte para apreensão das suas diferenças no contexto das semelhanças, relativizar a diferença e, dentro da mesma, oportunizar que o diferente pode acrescentar pontos significativos na sua identidade social, algo diferente no universo das semelhanças. A ausência de vínculos nas relações do sujeito inscreve a desordem, a ausência da autonomia e da referência do ser individual no contexto do grupo social.

É por meio dos vínculos afectivos estabelecidos no espaço familiar que o sujeito constrói sua identidade. No entanto, os resultados apresentados indicam que, para os jovens que se tornam Testemunhas de Jeová, esse ambiente muitas vezes se transforma em um lugar de conflito e desvalorização, justamente quando suas escolhas religiosas rompem com os padrões transmitidos pela família. O sistema familiar deixa de cumprir sua função integradora e tornar-se uma fonte de estigmatização. A ausência de compreensão ou a tentativa de deslegitimar indica uma ruptura dos vínculos que, segundo Minuchin (1982) citado por Melo (2000), são fundamentais para a organização do universo psicológico do sujeito. Entretanto, os depoimentos também comprovam a capacidade de transformação desses vínculos ao longo do tempo. Em alguns casos, a maturidade do indivíduo e a convivência contínua permitiram que o respeito fosse estabelecido, ainda que sem plena aceitação. Dessa forma, a família, embora tenha potencial para oferecer suporte emocional e ajudar na integração da diferença, também é um dos principais espaços de reforço do estigma religioso.

A escola mostrou-se igualmente um dos principais ambientes de estigmatização, sobretudo por conta de comportamentos considerados diferentes da norma. Assim, a construção da identidade religiosa dos jovens entra em choque com os comportamentos normativos do meio escolar² por pautarem sua conduta pela rejeição ao “mundo” que é interpretado negativamente pelos colegas.

Tal como mostram os depoimentos:

“Na escola, ser um Testemunha de Jeová significa ser diferente da maioria das pessoas. Quando te comportas de maneira diferente, gera-se um grande contraste [...] e as pessoas notam isso aí e não gostam de pessoas diferentes. Elas têm noção do que é certo e do que é errado [...] as conversas que eles têm, são conversas sobre assuntos mundanos de acordo com a Bíblia e nós não entramos nesse tipo de conversa, então de alguma forma, nós ficamos um bocado mais isolados. Claro que socializamos, mas tem certas coisas que nós não entramos. Evitamos más companhias”. (Entrevistado 01, 19 anos)

²os comportamentos normativos do meio escolar, incluem a participação em festas e comemorações (como aniversários), o envolvimento em namoros, o uso de linguagem comum entre os jovens, bem como a valorização da convivência e das conversas sobre temas populares (música, redes sociais e vida amorosa). As Testemunhas de Jeová, por motivos religiosos, não seguem muitos desses comportamentos, o que leva que sejam vistas como diferentes e, por vezes, alvos de estigma.

“O que acontece na escola é que por apresentar um comportamento diferente, há discriminação. Uma das coisas é o facto de não me envolver com meninas sem compromisso de namorar e casar-me com elas. Então, quando digo que não namoro, sofro muitas provocações”. (Entrevistado 04, 18 anos)

“Geralmente tem sido entre colegas da escola, porque não entendem o facto de não comemorar algumas datas, tal como aniversários.” (Entrevistado 16, 18 anos)

Os depoimentos demonstram que os jovens Testemunhas de Jeová enfrentam um processo contínuo de exclusão no ambiente escolar devido à sua conduta moral e religiosa, que contrasta com os padrões sociais dominantes entre os colegas. A escola, vista como espaço de socialização e convivência, torna-se para eles um lugar onde a conduta é percebida como diferente e, portanto, rejeitada. O comportamento pautado por valores religiosos acaba por ser interpretado com estranheza, o que gera estigma, por serem considerados fanáticos, antissociais, estranhos e ultrapassados. A consequência disso é o isolamento parcial, a ridicularização e a dificuldade de integração plena com os demais colegas, o que evidencia a dificuldade da sociedade em lidar com identidades que não seguem os padrões hegemónicos.

Segundo Costa & Rosistolato (2022), os rituais escolares prescrevem para os alunos tipos de identidades e modelos de interacção social que incluem elementos pedagógicos e religiosos. Quando essas expectativas prescritivas não são correspondidas, cria-se um processo de classificação e separação social que organiza as interacções sociais e as suas experiências escolares.

Os rituais escolares são espaços de socialização que buscam definir formas de ser e estar no mundo que podem ou não convergir com a socialização familiar. Quando as identidades – exigidas e representadas - entram em contacto/interacção e são incongruentes com a cultura escolar, elas podem gerar processos de estigmatização de estudantes e torná-los inabilitados para aceitação e interacção social plena. Dessa maneira, o pertencimento ou não a uma determinada religião pode diferenciar de forma qualitativa as experiências escolares dos estudantes, quando suas liturgias religiosas e familiares são discrepantes da liturgia escolar.

Pode-se observar que os rituais escolares reproduzem uma pedagogia formal e veiculam valores morais que moldam identidades e relações sociais. Esses rituais funcionam como dispositivos

normativos que classificam os sujeitos com base em sua aderência ou não aos modelos de comportamento esperados. Quando as Testemunhas de Jeová não se alinham a esses padrões, ocorre um processo de separação.

Essa classificação transforma a escola num território de disputas identitárias, onde os que não performam a identidade escolar esperada são estigmatizados. Assim, a escola, ao invés de ser um espaço de integração, tende a reforçar distanciamentos.

No ambiente laboral, com os vizinhos e em alguns casos entre amigos, surgem tensões por ser um espaço de convivência onde as diferenças religiosas se tornam visíveis e surge a estigmatização, o que demonstra a oposição entre o estilo de vida incentivado pela religião e os códigos de sociabilidade esperados em determinados contextos. Os depoimentos evidenciam:

“Geralmente sofro maior dificuldade no trabalho porque eles acham que nós não sabemos aproveitar a vida.” (Entrevistado 18, 22 anos)

“[...] na vizinhança zombam muito e lançam piadas por saberem que sou Testemunha de Jeová. Julgam sem conhecer os factos”. (Entrevistado 06, 35 anos)

“Normalment, e é quando estou com os meus amigos, porque geralmente contamos como cada um passou o final de semana, e quando chega a minha vez, digo que fiz algo totalmente contrário do que eles fizeram. [...] E dizem que estou a perder.” (Entrevistado 15, 33 anos)

Observa-se que, nesses contextos, a identidade religiosa das Testemunhas de Jeová colide com expectativas sociais mais amplas de lazer, socialização e o sentido que geralmente é dado para “aproveitar a vida”, que muitas vezes envolvem práticas que a religião desencoraja. Essa dissonância entre o estilo de vida religioso e os códigos de sociabilidade predominantes faz com que sejam percebidos como desviantes ou “anormais”. Os relatos mostram que mesmo sem provocarem directamente conflitos, os entrevistados são alvo de interpretações negativas apenas por adoptarem um modo de vida distinto.

Segundo Goffman (2004), o estigma acontece quando surgem evidências de que um indivíduo possui um atributo que o torna diferente de outros e assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída.

Segundo Melo (2020), a sociedade estabelece um modelo e espera que todos, ou quase todos, respondam a esses critérios predeterminados pelo sistema de controlo social. Cria padrões e, dentro desses modelos, estabelece as categorias. Como sistema de controlo, tem como objectivo catalogar as pessoas pelos atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada categoria. O modelo social cria e determina um padrão externo ao sujeito, sobre o qual permite prever a categoria e os atributos; e isso passa a ser configurado como um critério único da identidade social do sujeito, que irá nortear as suas relações de convivência social, no entanto tais atributos poderão não representar sua identidade real. Criamos, assim, um modelo social do indivíduo, e, no processo das nossas vivências, passa a ser pouco perceptível a imagem social do indivíduo que criamos; esta pode não corresponder à realidade, e sim ao que deveria ser. Em uma situação de confronto com um sujeito ou grupos que não se enquadram nos atributos pertencentes à sua categoria, isto é, que assumem diferentes posturas, esses atributos considerados pouco semelhantes no contexto da comparação convertem o sujeito em algo pouco aceite e rejeitado, porque ao grupo social busca, nas suas interações relacionais com seus pares, as semelhanças e não as diferenças na convivência quotidiana.

A estigmatização enfrentada por membros das Testemunhas de Jeová indica uma dinâmica social estruturada pela rigidez dos modelos normativos impostos colectivamente. A sociedade projecta uma imagem ideal de convivência baseada em semelhanças, e qualquer ruptura com esse padrão é percebida como ameaça à coesão do grupo. Nesse sentido, os relatos evidenciam que o julgamento social não se baseia na convivência directa da identidade do outro, mas na projecção de modelos idealizados e generalizados que orientam os comportamentos aceites. Desse modo, a estigmatização das Testemunhas de Jeová em contextos sociais diversos denotam o quanto os sistemas normativos de convivência rejeitam aquilo que não reforça o senso de familiaridade e pertencimento colectivo.

Entretanto, há entrevistados que conseguiram construir espaços de acolhimento, especialmente entre amigos e no ambiente laboral ao cercarem-se de pessoas que partilham da mesma fé, o que mostra que o estigma por si sofrido pode ser minimizado quando o sujeito encontra espaços de aceitação.

“As minhas amigas também são Testemunhas de Jeová, assim não preciso estar a justificar nada ou esconder coisas por ter medo de julgamento, já que partilhamos os mesmos

princípios e também as mesmas dificuldades. Com outras pessoas até converso, mas evito, porque as conversas acabam por girar a volta de festas e outras coisas mundanas que não agradam a Jeová”. (Entrevistada 17, 18 anos)

“[...] entre amigos não, porque a maioria deles são Testemunhas de Jeová. No trabalho também não, porque já que trabalho por conta própria, os meus colaboradores são todos Testemunhas de Jeová, então nesses ambientes não sofro”. (Entrevistado 08, 29 anos)

Com base nos pronunciamentos acima, constata-se que o estigma religioso não é uma experiência homogênea e pode ser condicionado pelos contextos sociais em que o indivíduo está inserido. Neste caso, o estigma é minimizado, ou até mesmo ausente nos espaços onde há convivência com pessoas que professam a mesma fé. Isso revela que o sujeito não é apenas um receptor passivo da discriminação, mas alguém que agencia seus relacionamentos e ambientes de modo a reduzir o impacto da rejeição social. A escolha de manter um círculo de amizades e um espaço de trabalho composto por outras Testemunhas de Jeová indicam uma estratégia de protecção identitária, em que a familiaridade partilhada gera segurança, visto que nesses espaços não é necessário justificar ou defender sua fé. Nesse sentido, a própria organização aconselha: “Sê selectivo, não tentes ser amigo de qualquer pessoa. Isso não significa ser preconceituoso. Significa perceber ‘a diferença entre uma pessoa justa e uma pessoa má, entre quem serve a Deus e quem não o serve’. Más companhias estragam bons hábitos”³.

³Como podes fazer bons amigos? Disponível em: <https://www.jw.org/finder?srcid=jwlshare&wtlocale=TPO&prefer=lang&docid=1102011130> , acesso em 5 Jul. de 2025

Com isso, a experiência evidencia que, mesmo em contextos onde há forte potencial de discriminação, é possível construir redes que operam como refúgio psicológico e social, atenuando os efeitos negativos da estigmatização.

Goffman (2004) afirma que o indivíduo estigmatizado tende a formar alinhamentos intragrupais com aqueles que partilham o mesmo estigma, sendo esse o seu grupo real, com base na ideia de que sua identidade deriva da posição que seus iguais ocupam na estrutura social. Entretanto, a militância pode politizar a vida do estigmatizado, acentuando ainda mais sua diferença. Além disso, ao buscar separação, o estigmatizado continua a utilizar o idioma cultural da sociedade que o rejeita. Logo, quanto mais ele tenta estruturalmente se separar dos “normais”, mais reproduz, paradoxalmente, os padrões culturais desses mesmos “normais”.

Os dados revelam que o estigma religioso não é vivenciado de maneira uniforme, sendo profundamente condicionado pelos contextos sociais em que o indivíduo está inserido. Quando cercado por pessoas que partilham a mesma fé, o estigmatizado encontra espaços onde sua identidade é validada e protegida. A partir disso, compreende-se que o sujeito estigmatizado mobiliza estratégias para lidar com a discriminação, ao organizar seus laços de modo a reduzir sua exposição ao juízo externo. Essa disposição denota uma forma de agência identitária.

4.2.3. Reações frente à autodeclaração como Testemunha de Jeová: espanto, perguntas e associação imediata à aparência

Ao analisarmos as experiências narradas pelos participantes, torna-se evidente que a revelação da identidade religiosa não é um acto neutro, mas um momento carregado de significados. Assim, exploramos as percepções subjectivas vivenciadas pelos membros das Testemunhas de Jeová ao revelarem sua identidade religiosa. Muitos entrevistados relatam que a primeira reacção das pessoas, ao descobrirem que pertencem ao grupo religioso, é de espanto. Esse espanto, na maioria das vezes, carrega uma conotação negativa, associada ao fanatismo ou extremismo, sendo frequentemente acompanhado por silêncios ou mudanças abruptas de assunto.

A revelação da identidade religiosa é percebida pelos entrevistados como um momento de tensão, marcado por preconceitos enraizados, tal como ilustram os depoimentos a seguir:

“[...] a primeira reacção é o espanto e, na maioria das vezes, não é boa, porque acham que somos extremistas e até lançam piadas. Em alguns, nota-se logo pelas expressões

como se não soubessem bem como reagir. Ficam surpreendidos, até um pouco desconfortáveis, como se não estivessem a espera”. (Entrevistado 07, 29 anos)

“[...] dizer que és Testemunha de Jeová e dizer que és católico, a reacção não é a mesma. É diferente. As pessoas ficam assustadas”. (Entrevistado 01, 19 anos)

“A reacção é quase a mesma em todas as pessoas. A princípio, ficam espantadas, mas há mais ou menos 10 anos, as pessoas reagem muito mais mal do que agora”. (Entrevistado 06, 35 anos)

“Muitas vezes, as pessoas ouvem e ficam num silêncio constrangedor e tentam passar o assunto. Isso é meio negativo”. (Entrevistado 03, 34 anos)

Os depoimentos acima indicam que a revelação da identidade como Testemunha de Jeová é socialmente marcada por uma quebra de expectativa. Isso indica que essa identidade religiosa carrega um peso social que a diferencia de outras, mais naturalizadas e aceites na convivência quotidiana. A surpresa negativa expressa pelas pessoas diante dessa revelação comprova a presença de preconceitos associados ao grupo, o que gera constrangimento e impede uma recepção neutra ou respeitosa. Essas reacções funcionam como uma espécie de julgamento implícito, onde a identidade religiosa é conhecida e avaliada.

Goffman (2004) afirma que ao sermos apresentados a um estranho, os primeiros aspectos observados nos permitem prever sua categoria e atributos⁴, ou seja, sua identidade social. A caracterização efectiva que fazemos de um indivíduo com base nas expectativas normativas que projectamos sobre ele, ou seja, aquilo que presumimos que ele deveria ser é a identidade social virtual e os atributos que o indivíduo, na realidade, prova possuir aquilo que ele realmente é, a identidade social real. E o estigma surge quando há uma discrepância específica entre esses dois tipos de identidade social.

⁴No caso das Testemunhas de Jeová, essas categorias e atributos são a aparência e o vestuário modesto, a forma de se expressar nas suas actividades de pregação, o comportamento moral considerado distinto e na atitude reservada na socialização diante de comportamentos considerados “mundanos”.

Portanto, as reacções de surpresa ou rejeição são a evidência dessa discrepância, onde os interlocutores não esperavam tal identidade, e sua reacção é a tentativa de recompor cognitivamente essa quebra de expectativa. Daí surge o espanto e outras reacções que são pequenas performances sociais que mantêm a distância simbólica entre o normal e o desacreditado. Assim, o espanto repetidamente mencionado nos depoimentos revela que essa identidade não é reconhecida como normal, mas como uma anomalia dentro dos padrões religiosos socialmente aceites.

Outra tendência observada é a reacção por meio de perguntas, onde por um lado, há pessoas que buscam realmente compreender as crenças das Testemunhas de Jeová através de uma curiosidade genuína e por outro, pessoas que fazem questões com intenção provocativa como forma de criticar ou atacar a sua doutrina.

“Há perguntas que vêm em forma de ataque. Da forma como falam, é como se estivessem a desafiar ou a pôr em causa aquilo que acreditamos. Muitas vezes, nem querem mesmo saber, é mesmo para provocar. No geral, considero a reacção negativa pela maneira pela qual as pessoas perguntam.” (Entrevistado 13, 21 anos)

“O mais comum é as pessoas fazerem muitas perguntas com o intuito de perceber de forma genuína as nossas crenças, mas outros não, fazem perguntas de forma provocativa”. (Entrevistado 02, 26 anos)

Além disso, alguns entrevistados mencionam que há associação imediata da aparência ou comportamento com o facto de serem Testemunhas de Jeová, e menções de admiração e respeito, muitas vezes vindos de pessoas que já conheciam o carácter ou estilo de vida do entrevistado.

“As pessoas desconhecidas metem logo na mente que esse ou é pastor ou é Testemunha de Jeová por conta da forma respeitosa como nos vestimo”s. (Entrevistado 20, 25 anos)

“Algumas pessoas não ficam tão surpresas porque já julgam pelo carácter. Então, quando notam que nos comportamos de certa maneira, mesmo quando se trata de coisas pequenas, acabam por associar”. (Entrevistado 13, 21 anos)

Os depoimentos acima indicam que, embora o estigma seja uma experiência marcante para muitos membros das Testemunhas de Jeová, há também situações em que a identidade religiosa é

percebida de forma positiva ou, pelo menos, neutra. Em certos contextos, aspectos como a aparência cuidada, o comportamento respeitoso e o carácter são reconhecidos e até admirados por pessoas externas, especialmente aquelas que já têm alguma convivência prévia com o indivíduo.

Goffman (2004), ao tratar da gestão da identidade estigmatizada, afirma que indivíduos que carregam um estigma podem utilizar atributos considerados socialmente valorizados, para neutralizar ou reduzir o impacto do estigma. Em outras palavras, o estigmatizado pode se apoiar em sinais visíveis de “normalidade” ou respeitabilidade para controlar as impressões que os outros formam, conseguindo, assim, uma aceitação maior em determinados círculos sociais.

Segundo Torino & Sisselman-Borgia (2017) citados por Soares (2022), algumas das estratégias usadas pelos portadores de determinados tipos de estigma é a de manter uma aparência cuidada e ser sempre educado com as pessoas com quem contactam. Desta forma, a estratégia de manter uma aparência cuidada minimiza o estigma.

Dessa forma, é possível constatar que a identidade religiosa das Testemunhas de Jeová se configura socialmente como uma identidade desacreditável, ou seja, uma identidade que, embora possa ser ocultada em certos contextos, quando revelada activa uma série de percepções negativas socialmente instituídos. Isso é evidente no facto de que a revelação “Sou Testemunha de Jeová” não produz reacções indiferentes.

Outro elemento interpretativo importante é que, dependendo do contexto e da relação estabelecida entre os sujeitos, a reacção pode variar entre curiosidade genuína e ataque simbólico directo. O que sugere que o estigma não é absoluto, mas relacional. Em contextos onde há conhecimento prévio da pessoa, ou quando a imagem moral do fiel já é valorizada, a revelação da identidade é acolhida ou, pelo menos, não causa uma rejeição imediata por conta da relação entre comportamento visível e identidade presumida. Nesses casos, a identidade Testemunhas de Jeová é percebida como coerente com uma conduta social já validada.

4.3. A construção do estigma religioso imposto às Testemunhas de Jeová

Neste subcapítulo, buscamos mostrar que o estigma enfrentado pelas Testemunhas de Jeová é multifacetado, e surge de uma combinação de vários factores. Os entrevistados relatam que o estigma é alimentado por elementos como o desconhecimento e a desinformação, o estilo de vida distinto, até a forma como a sua prática religiosa se diferencia do comportamento considerado

normal pela maioria das pessoas. Assim, dividimos o subcapítulo em 4 categorias, nomeadamente: Produção social do desconhecimento e o papel da desinformação na percepção pública das Testemunhas de Jeová; O discurso dos desassociados como vector de deterioração da imagem pública das Testemunhas de Jeová; A distinção como fronteira simbólica: implicações do estilo de vida das Testemunhas de Jeová e Produção e reprodução de estereótipos sobre as Testemunhas de Jeová.

4.3.1. Produção social do desconhecimento e o papel da desinformação na percepção pública das Testemunhas de Jeová

Um primeiro factor destacado com frequência pelos entrevistados é o desconhecimento e a desinformação que a sociedade tem sobre a doutrina e as práticas das Testemunhas de Jeová. Conforme ilustram os relatos:

“Quando não temos a ciência exacta da coisa, julgamos. Então é falta de conhecimento verdadeiro. Ouvir dizer é diferente de experienciar [...] e ouvem coisas que não são totalmente verdadeiras, então é normal que as pessoas tenham esse posicionamento”.
(Entrevistado 04, 18 anos)

“Na minha opinião é por não terem um conhecimento profundo sobre as Testemunhas de Jeová, porque se procurassem ter um conhecimento profundo, de alguma forma iriam entender algumas situações”. (Entrevistado 14, 24 anos)

“É o mau julgamento. O mau julgamento vem da desinformação. Fake News, espalham-se rapidamente e as pessoas seguem isso sem saberem donde vem e sem questionar nada. São essas notícias falsas que prejudicam muito a nossa sociedade e a forma como somos vistos”. (Entrevistado 06, 35 anos)

Os depoimentos indicam que o estigma enfrentado pelas Testemunhas de Jeová não se originam necessariamente de experiências directas, mas de uma construção social. A percepção negativa é alimentada por narrativas muitas vezes transmitidas por terceiros.

Segundo Berger & Luckman (2004), a realidade social é construída e essa é fruto de interacções humanas que objectivam e institucionalizam significados ao longo do tempo. Desse modo, o conhecimento é internalizado e se torna um dado da vida quotidiana. Os autores explicam como

os indivíduos através de processos de interacção social e de institucionalização, atribuem significados às suas experiências e constroem uma realidade colectiva que adquire um carácter objectivo. Essa realidade é tanto objectivada quanto subjectivamente internalizada. Em consequência, observa-se que, o estigma é produzido e mantido socialmente.

Para Carvalho (2005), o conjunto de informações e conhecimentos são integrados pelos grupos tendo em conta o meio sociocultural, os padrões de interpretação da realidade, seus costumes locais e práticas. Dessa forma, as organizações religiosas estruturam formas de perceber e conceber a realidade social de acordo com normas, valores, regras e crenças inerentes a aquele espaço social.

Assim sendo, a ausência de um conhecimento aprofundado acerca da doutrina e das práticas do grupo faz com que muitos indivíduos construam suas percepções com base em informações transmitidas informalmente, o que contribui para a sedimentação de interpretações sociais que moldam a forma como as Testemunhas de Jeová são vistas no meio social.

4.3.2. O discurso dos desassociados como vector de deterioração da imagem pública das Testemunhas de Jeová

Um outro aspecto que reforça a complexidade do estigma é a actuação de ex-membros ou desassociados, que contribuem para a propagação de informações negativas sobre a organização. Os entrevistados destacam que o comportamento de membros que, após deixarem a congregação, espalham informações negativas sobre a organização contribui para que as Testemunhas de Jeová sejam vistas de forma desfavorável no meio público, o que, por sua vez, complexifica o processo de estigmatização. Tal como apontam os relatos a seguir:

“[...] outra coisa são os irmãos que na congregação portam-se como excelentes cristãos, mas fora cometem os pecados que separam um cristão de um mundano. Quando é assim nós removemos a convivência com essas pessoas. Cortamos mesmo. São essas pessoas que quando saem espalham informações falsas”. (Entrevistado 6, 35 anos)

Os desassociados levam informação falsa para as outras pessoas, dizem que temos muitas regras, como se os princípios da Bíblia fossem prejudiciais. (Entrevistado 11, 19 anos)

Segundo Mendes (2012), a necessidade vital de manutenção da unidade e homogeneidade das Testemunhas de Jeová, impulsiona a prática do ostracismo, conhecida como desassociação. As Testemunhas de Jeová estão sujeitas às mais variadas regras restritivas, durante o tempo em que

permanecem ligadas à igreja, estas que regem boa parte de sua vida. Os desvios de normas tendem sempre a acarretar sanções, conflitos sociais e a própria expulsão da igreja. Manter-se fiel à doutrina e garantir com isso a salvação espiritual, torna-se uma tarefa muito difícil. De acordo com a regra da desassociação, ao desassociado é negado o direito de se comunicar com antigos amigos da religião. Além de mantidos distantes da igreja, são tratados como seres ignóbeis. Os desassociados representavam a impiedade: “ovelhas desgarradas” cuja rebeldia lhes custaria à própria vida. Muitas sofreram o processo de desassociação ou convivem com parentes e amigos nessas circunstâncias. O desvio social entre as Testemunhas de Jeová é considerado pecado, isto é, uma falha de carácter moral que confrontaria directamente as leis de Deus.

Alguns desassociados mostram-se insatisfeitos com as censuras recebidas e, determinados indivíduos, em vez de serem expulsos, solicitam seu próprio desligamento à organização. Desassociados que não mais aceitam a autoridade da igreja organizam-se ao redor do mundo em grupos de discussão político-religiosa e de crítica à organização (Ibid, 2012).

A actuação dos desassociados indica uma dimensão interna do processo de estigmatização, em que a deterioração da imagem pública das Testemunhas de Jeová não é produzida apenas pelo exterior, mas também por narrativas provenientes de antigos membros. Esses indivíduos, ao se distanciarem da congregação, tornam-se emissores de discursos sobre a experiência vivida e ressentimento pessoal, ao projectar suas frustrações na organização religiosa à qual pertenceram. Ao fazer isso, os antigos membros colaboram para a ampliação de discursos negativos, onde a adesão à organização passa a ser vista como sinal de fanatismo ou submissão cega.

4.3.3. A distinção como fronteira simbólica: implicações do estilo de vida das Testemunhas de Jeová

O modo de vida adoptado pelas Testemunhas de Jeová constitui um traço da sua identidade colectiva, ao distinguir-se das normas e valores dominantes na sociedade actual. Esta escolha consciente por um estilo de vida orientado por princípios religiosos, que regulam as práticas espirituais e os comportamentos do dia-a-dia, acaba por estabelecer uma linha de separação entre o grupo e o mundo. Para muitos fora do grupo, desperta reacções de rejeição, visto que é um afastamento dos padrões sociais e muitas vezes associa a diferença ao fanatismo.

Neste sentido, o estilo de vida das Testemunhas de Jeová, além de ser uma expressão da sua fé, é também um ponto de tensão constante na relação com a sociedade. Consequentemente, a diferença

serve tanto para afirmar a identidade do grupo como para expor os seus membros à incompreensão e, por vezes, à estigmatização.

“[...] é o nosso estilo de vida, visto que levamos uma vida mais reservada e temos um ponto de vista diferente sobre a maioria dos assuntos”. (Entrevistado 07, 29 anos)

“Às vezes, sinto que só por viver de forma diferente, como não aceitar certos convites, já sou visto como alguém estranho ou antissocial. Mas não é rejeição, é só uma forma de ser fiel ao que acreditamos”. (Entrevistado 02, 26 anos)

A escolha por práticas religiosas que divergem da norma acaba sendo interpretada pela sociedade como fanatismo ou até isolamento intencional. Contudo, os depoimentos indicam que essa distinção não é vivida de forma arrogante ou superior pelos praticantes. A necessidade de ser fiel à própria fé impõe um custo social: o sentimento de estar “à parte do mundo” e de ser mal compreendido.

Segundo Goffman (2004), quando alguém rompe com as expectativas sociais, torna-se alvo potencial de estigmatização, pois desafia as normas culturais estabelecidas.

Para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade. O social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder, anulando todos os que rompem ou tentam romper com esse modelo. O diferente passa a assumir à categoria de “nocivo”, “incapaz”, fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão (Resende *et al*, 2021).

A diferença na forma de viver e interpretar o quotidiano tende a provocar no convívio social e reacções de estranhamento. Esta reacção não se deve apenas à novidade do comportamento, mas sobretudo ao facto de tal modo de vida colocar em causa expectativas tidas como universais. No caso das Testemunhas de Jeová, o compromisso com valores que desafiam práticas largamente aceites é frequentemente percebido como uma recusa dos consensos sociais. Neste sentido, a diferença deixa de ser apenas uma escolha legítima e passa a ser interpretada como sinal de afastamento, desvio ou até ameaça à ordem estabelecida. Desse modo, cria-se um ambiente onde o grupo é empurrado para as margens, não por actos de hostilidade directa, mas por um processo

subtil e contínuo de desvalorização e exclusão simbólica, em que o social, recusa ver o indivíduo para além do rótulo que lhe foi atribuído.

4.3.4. Produção e reprodução de estereótipos sobre as Testemunhas de Jeová

Os depoimentos recolhidos revelam a persistência de ideias distorcidas que contribuem para acentuar o afastamento social e alimentar o estigma em relação às Testemunhas de Jeová.

Entre os estereótipos mais frequentes destaca-se a questão da recusa da transfusão de sangue que em muitos discursos, é tratada como sinal de fanatismo ou desrespeito pela vida, desconsiderando os fundamentos éticos e espirituais que a sustentam. Como mostram os depoimentos a seguir:

“[...] na verdade, essas ideias foram passadas de boca em boca. Uma das coisas é que não gostamos dos nossos familiares quando ficam doentes, deixamos que eles morram porque não fazemos transfusão de sangue, mas existem meios mais seguros e eficazes que usamos. Acham que somos extremistas por conta disso”. (Entrevistado 08, 29 anos)

“Primeiro, as pessoas pensam que somos fanáticos religiosos e que deixamos que os nossos familiares morram por negá-los a transfusão de sangue. Pensam que somos estranhos por fazer o que vem na Bíblia”. (Entrevistado 12, 19 anos)

“O sangue é o assunto mais polémico sobre as Testemunhas de Jeová, por não aceitarmos receber e doar sangue, dizem que matamos os nossos parentes e a nós mesmos.” (Entrevistada 07, 29 anos)

“Assuntos sobre a transfusão de sangue. Nós não doamos sangue, visto que o sangue representa a vida de alguém ou de um animal”. (Entrevistada 05, 22 anos)

Os depoimentos reflectem que para além das divergências doutrinárias, o que pesa fortemente sobre as Testemunhas de Jeová é a forma como suas crenças são interpretadas pelo senso comum. A questão da transfusão de sangue por ser uma prática pouco compreendida fora do contexto religioso do grupo, acaba por se tornar um motivo para julgamentos. Como resultado, as Testemunhas de Jeová passam a ser vistas como diferentes, frias e extremistas. Para os membros, a recusa na transfusão de sangue constitui uma forma de fidelidade espiritual, sustentada por uma interpretação bíblica e coerente com sua visão de mundo.

Gama (2009) faz a sua abordagem trazendo a posição das Testemunhas de Jeová e a polémica que envolve o grupo religioso, frente a sua posição sobre recusar enfaticamente a administração de transfusões de sangue, mesmo, em algumas situações sob iminente risco de vida. Afirma que em face de tal quadro, não raro verifica-se reacções acaloradas contra esse grupo religioso que por vezes recebe o rótulo de fundamentalistas, fanáticos e suicidas, mas tal posição deve-se em primeiro lugar, ao entendimento bíblico que as Testemunhas de Jeová alimentam de que os “cristãos verdadeiros”, devem obedecer a ordem divina e qualquer uso do sangue diferente da sua função estabelecida por Deus é absolutamente vedada, mesmo que seu uso seja “por uma boa causa”, para salvar uma vida.

As Testemunhas de Jeová possuem a crença baseada por princípios bíblicos, de que o uso de sangue total ou seus componentes principais (plasma, glóbulos brancos, glóbulos vermelhos e plaquetas) é proibido. De acordo com suas convicções, tanto o Velho, como o Novo Testamento dá a ordem aos cristãos de se absterem de sangue. Com a concepção de que o sangue para Deus representa a vida, os seus fiéis evitam tomar sangue por qualquer via, não apenas por obediência, mas também por respeito a Ele, que é o Dador da vida (Silva, 2018).

Desta maneira, as Testemunhas de Jeová seguem as seguintes palavras:

“Somente não comam a carne de um animal com o sangue, que é a sua vida”. Genesis 9:4

“Se algum homem da casa de Israel ou algum estrangeiro que mora entre vocês comer o sangue de qualquer criatura, eu certamente me revoltarei contra aquele que comer o sangue, e o eliminarei dentre o povo. Pois a vida de uma criatura está no sangue [...]”. Levítico 17: 10-11

“Mas lhes escrever para que se abstenham de coisas contaminadas por ídolos, de imoralidade sexual, do que foi estrangulado e de sangue”. Atos 15:20⁵

⁵Tradução do Novo Mundo da Bíblia sagrada. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/biblia/> acesso em: 07 de Jul. de 2025

Com base nos dados apresentados é possível constatar que as Testemunhas de Jeová enfrentam o peso de suas escolhas doutrinárias e a incompreensão das suas crenças, favorecendo a construção de estereótipos negativos.

Nesse sentido, torna-se evidente que a estigmatização vivida pelos membros das Testemunhas de Jeová não decorre apenas de suas práticas religiosas em si, mas, sobretudo, da forma como tais práticas são percebidas e julgadas a partir de valores hegemónicos.

Outros estereótipos recorrentes dizem respeito à falsa ideia de que as Testemunhas de Jeová não acreditam em Jesus, a acusação de que têm “sua própria Bíblia”, e a ideia de que têm muitas regras:

“Sempre ouço que traduzimos a Bíblia para a nossa própria versão, por isso que, às vezes, digo a pessoa para abrir a sua e vemos que tem a mesma coisa.” (Entrevistado 14, 24 anos)

“[...] geralmente dizem que não acreditamos em Jesus Cristo. É engraçado, porque seguimos o que ele ensinou, tentamos viver como ele viveu...e depois vêm dizer que nem acreditamos nele. E o pior é que nem sequer procuraram saber como pensamos de verdade.” (Entrevistado 04, 18 anos)

“[...] dizem que temos muitas regras, como se os princípios da Bíblia fossem prejudiciais.” Não somos obrigados, mas faz sentido para nós. Só que quando dizes isso a alguém, muitas vezes olham de lado, como se estivéssemos a viver noutra mundo.” (Entrevistado 20, 25 anos)

Os depoimentos apontam que muitos dos estereótipos direccionados às Testemunhas de Jeová são sustentados por narrativas que circulam socialmente, independentemente do contacto directo com os membros do grupo.

Esse processo de rotulação ocorre por meio da repetição de informações transmitidas informalmente, sem necessariamente serem verificadas ou confrontadas com a vivência dos próprios sujeitos. Nesse contexto, surgem interpretações sobre suas crenças que não correspondem à forma como os próprios fiéis definem sua fé.

À luz do exposto, percebe-se que os estereótipos funcionam como categorias que simplificam determinadas identidades religiosas, sendo reproduzidos a partir de esquemas culturais já

estabelecidos e reforçados socialmente. Esses relatos apontam para um fenómeno mais amplo, no qual a imagem da organização é construída e mantida por meio de mecanismos de generalização e repetição.

Dessa forma, observa-se que o estigma religioso enfrentado pelas Testemunhas de Jeová não é produto de um único factor, mas resulta da complexa interacção entre vários elementos e práticas religiosas distintivas.

4.4. Gestão do estigma pelas Testemunhas de Jeová em interacções interpessoais

Neste subcapítulo, apresentamos as estratégias que as Testemunhas de Jeová adoptam para gerir as experiências de estigmatização e os desafios impostos à sua identidade religiosa. A análise centra-se nas diversas formas de adaptação identitária utilizadas pelos fiéis em diferentes esferas sociais. Sendo assim, optamos em dividir o subcapítulo em 5 categorias nomeadamente: *A centralidade da Bíblia na elaboração de respostas ao estigma: regulação emocional e comportamental; Controlo da informação como estratégia de gestão do estigma; Estética da normalidade: o encobrimento como resposta ao risco de identificação da identidade deteriorada e Do acobertamento à construção da autonomia Identitária nas interacções marcadas pelo estigma.*

4.4.1. A centralidade da Bíblia na elaboração de respostas ao estigma: regulação emocional e comportamental

Um dos aspectos mais significativos da organização é a institucionalização das estratégias de gestão do estigma, o que indica que a gestão do estigma não é feita apenas através de reacções individuais, mas de um sistema colectivo que é transmitido e reforçado dentro da organização religiosa, visto que a doutrina das Testemunhas de Jeová oferece aos seus membros um repertório normativo sobre como se portar diante da rejeição. Dessa forma, os entrevistados dão ênfase à paciência, à brandura e à não retaliação, características que configuram um modelo comportamental internalizado como parte da identidade religiosa. O uso da Bíblia como fonte de resposta demonstra o papel da fé como ferramenta de regulação emocional. A identidade Testemunha de Jeová é então moldada por meio da conjugação entre uma ética cristã de sofrimento e um código de conduta colectivo e disciplinado.

A Bíblia aparece como fonte central para a interpretação da realidade social e como justificativa moral para a não retaliação, conforme afirmam:

[...] nós recebemos um treinamento para lidar com essas situações. Em que usamos argumentos para nos defender da acusação através dos textos bíblicos. Jesus era muito cauteloso e nós fazemos isso também. Contudo, o ideal é se retirar e nunca discutir em público. Às vezes, nos põem com água, mas nunca discutimos”. (Entrevistado 06, 35 anos)

“Cito, ou penso, num texto bíblico que é o livro de Mateus 5:11 – 12 que diz: Felizes sejam quando as pessoas vos insultarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o tipo de coisas más contra vocês por minha causa. Alegrem-se e fiquem cheios de alegria, porque a vossa recompensa é grande nos céus; pois assim perseguiram os profetas que viveram antes de vocês [...] então naquele momento de forma educada me retiro do local”. (Entrevistado 14, 24 anos)

“Os exemplos bíblicos que aprendemos, aconselham que sejamos vagarosos e pacientes, e não retribuir o mal com o mal. Se der para responder de forma clara, faço; se não der, agradeço pelo tempo e vou”. (Entrevistado 15, 33 anos)

“Nós, como Testemunhas de Jeová e cristãos, sabemos que iremos sofrer oposição, mas mesmo assim não podemos nos posicionar ofensivamente quando isso acontece”. (Entrevistado 12, 19 anos)

Segundo Peluso (2012), as Testemunhas de Jeová utilizam simbolicamente a sua Bíblia, previamente interpretada pelas autoridades da escola central, permitindo que forneçam uma explicação para suas acções religiosas, mesmo em detrimento de outras crenças e compreender como, na sua organização, as formas grupais reforçam a sua proposta de homogeneização do discurso, procurando garantir que cada palavra e cada gesto tenham o mínimo desvio daquilo que estudam e repetem em cada encontro.

Goffman (2004), ao discutir os alinhamentos intragrupais, destaca que as estratégias adoptadas pelos indivíduos estigmatizados diante da rejeição social não são meramente pessoais ou espontâneas, mas moldadas pelas relações com os seus iguais, isto é, por um grupo formado por pessoas que partilham o mesmo estigma. Nesse contexto, a própria identidade do estigmatizado passa a ser construída a partir da natureza de suas filiações grupais e as respostas ao estigma, não são apenas individuais, mas ganham um carácter colectivo e normativo. Em alguns casos, essa vinculação gera uma postura militante, em que o estigmatizado afirma publicamente sua condição,

desafiando os padrões dos “normais”. Em outros, manifesta-se através de códigos de conduta mais discretos, mas igualmente estruturados.

Percebemos que esses alinhamentos intragrupais estão presentes de maneira institucionalizada ao falarmos das Testemunhas de Jeová, pois a organização fornece a seus membros um conjunto de orientações sobre como lidar com a rejeição e o estigma social. A gestão do estigma, nesse caso, passa a ser institucional, ou seja, não é deixada à livre elaboração do fiel, mas ensinada, transmitida e reforçada por meio da doutrina e das práticas da congregação. A Bíblia desempenha um papel central nesse processo, visto que funciona como fonte de interpretação da realidade e justificação moral para atitudes de não retaliação, brandura e paciência, e essa postura é a esperada de conduta dentro do grupo. Da mesma forma, Goffman aponta que os estigmatizados, ao se alinharem com seus iguais, adoptam estratégias que reforçam o pertencimento ao grupo, as Testemunhas de Jeová expressam sua identidade religiosa por meio da fidelidade a um código de conduta colectivo que as distingue dos “normais” e, ao mesmo tempo, reforça o sentido moral de sua escolha.

Esse treinamento espiritual e emocional prepara os seus membros para lidar com a rejeição social, baseado em exemplos bíblicos e em modelos de conduta inspirados em Jesus Cristo, ensina que a oposição faz parte da experiência cristã verdadeira. Desse modo, os ataques verbais não são interpretados como injustiças individuais, mas como sinais de que o fiel está no caminho certo. Além disso, a gestão emocional é um elemento central na resposta ao estigma, visto que os membros são incentivados a não reagir impulsivamente, mas a manterem-se calmos, serenos e, sobretudo, respeitosos. Práticas como a oração, o silêncio, o afastamento de situações tensas e a recusa em discutir abertamente são estratégias de contenção que buscam evitar a deterioração da imagem pública da organização e proteger a própria integridade emocional do fiel. Esse autocontrolo evita conflitos e expressa coerência com os valores pregados internamente.

No entanto, a ausência de confrontação não significa indiferença ou imunidade emocional. Ainda que o estigma seja espiritualizado e racionalizado, ele é reconhecido como algo doloroso e desgastante. Por um lado, existe a dor real causada pelo desprezo e a incompreensão, e por outro, a valorização moral e espiritual dessa dor como parte do testemunho da fé.

“Eu, pessoalmente, não gosto de responder quando, por exemplo, passo por algum preconceito, porque quando se mantém a calma, se transmite a ideia de que você não se

importa com o que foi dito, enquanto na verdade pode doer, mas deixo passar e vou-me embora”. (Entrevistado 09, 21 anos)

Isso demonstra uma articulação entre sofrimento e sentido, onde a experiência negativa é convertida em honra religiosa. O afastamento de confrontos é muitas vezes acompanhado de uma percepção interna de superioridade moral, onde os membros compreendem a hostilidade que sofrem como fruto da ignorância de quem os discrimina. Sob esse enfoque, preservam sua autoestima ao interpretar o preconceito como resultado da falta de conhecimento alheio, o que fortalece ainda mais a confiança na própria fé. A aceitação passiva da discriminação é uma estratégia de autopreservação e reafirmação de valores morais superiores. Ao não retaliar, o indivíduo preserva sua integridade perante a organização e projecta uma imagem de autocontrolo e superioridade ética.

À luz dos dados, observa-se que a gestão do estigma pelas Testemunhas de Jeová é organizada e ensinada, sendo sustentada por uma doutrina e por práticas internas. Através delas, o grupo ensina seus membros a lidar com a rejeição de forma estratégica e resignificada.

4.4.2. Controlo da informação na interacção social pelas Testemunhas de Jeová

Quando questionados sobre adaptações na forma de pregar, com o objectivo de evitar conflitos ou reacções negativas, muitos dos entrevistados referem que, em determinados contextos, optam por ajustar a abordagem. Entre as estratégias mais mencionadas, destaca-se o uso de conversas informais como ponto de partida para introduzir os temas bíblicos. Esta escolha mostra uma atenção particular ao contexto social e emocional do interlocutor e permite uma aproximação mais cautelosa e mais eficaz, como mostram os depoimentos a seguir:

“Uma forma prática, por exemplo, de conversar com os muçulmanos é não chamar Deus de Jeová, é falar da forma como eles falam “Allah” e chamar Jesus de Profeta. Não há nenhum problema nisso. Me adapto dessa forma”. (Entrevistada 19, 26 anos)

“No trabalho de pregação, falámos com um senhor e o filho para participar dum estudo bíblico e concordou. Quando voltámos, o pai disse que eram muçulmanos e eles acreditam em outros profetas que vieram antes de Jesus, nisso, tentei levar uma mensagem que ia de encontro com esses profetas”. (Entrevistado 08, 29 anos)

“[...] em algumas situações, quando vou a uma casa, posso começar a conversa com um assunto de preocupação geral e, no final, eu me apresento como Testemunha de Jeová. Então, temos de nos adaptar conforme a reacção da pessoa”. (Entrevistado 10, 30 anos)

As estratégias de pregação adoptadas pelas Testemunhas de Jeová, conforme evidenciado nos depoimentos, podem ser compreendidas à luz do conceito de informação social desenvolvido por Goffman (2004). A informação social é aquela que diz respeito a características relativamente permanentes do indivíduo, e que é transmitida por ele mesmo, através de sua presença física e expressão corporal na interacção directa com os outros.

Essa informação pode ser expressa por meio de símbolos sociais que confirmam, contestam ou revelam aspectos da identidade do sujeito. No caso das Testemunhas de Jeová, há um esforço consciente em regular a emissão dessa informação, ao optarem por adaptar a linguagem e o modo de abordagem para evitar despertar rejeições imediatas.

Este tipo de adaptação demonstra uma sensibilidade situacional, na medida em que procura evitar o confronto directo com possíveis resistências, sem comprometer os princípios da fé que orienta a prática da pregação. Nesse sentido, trata-se de uma forma de controlo da informação que visa gerir a impressão que é transmitida ao outro, proteger a sua identidade e evitar situações de rejeição ou estigmatização. As Testemunhas de Jeová desenvolvem uma racionalidade que é ajustada às condições de receptividade do ambiente em que se encontram. Nisso, o comportamento dos fiéis é fruto de uma leitura do contexto e da disposição do interlocutor. O discurso é regulado por uma avaliação prévia da possibilidade de diálogo, sendo a retirada ou o silêncio uma alternativa diante de reacções hostis.

Além disso, os depoimentos apontam para uma dimensão adaptativa da prática de pregação, em que a forma de abordagem é moldada em função das especificidades culturais, religiosas e emocionais dos interlocutores. Esta capacidade de adaptação indica uma sensibilidade às dinâmicas sociais e culturais dos contextos em que se realiza a pregação. Assim, demonstram respeito pelas diferenças e compreensão da situação sem abdicar dos princípios que sustentam a sua fé.

As Testemunhas de Jeová relatam igualmente que, no exercício da pregação estabelecem uma distinção entre os diferentes tipos de interlocutores. Quando percebem abertura ou interesse por

parte da pessoa abordada, há uma tentativa de diálogo, apresentando os ensinamentos bíblicos de forma clara e respeitosa. No entanto, se notam resistência, optam por se retirar para evitar confrontos.

Essa postura indica uma leitura atenta do contexto e das disposições do outro, demonstrando um esforço consciente em evitar choques desnecessários, sem, contudo, abdicar dos princípios fundamentais da fé. O comportamento é, assim, ajustado de acordo com a receptividade percebida. Tal como mostram os depoimentos:

“Dependendo da situação, é melhor ficar em silêncio para não criar discussão, mas se a pessoa apenas critica, e está disposta a ouvir, fazemos entender”. (Entrevistado 11, 19 anos)

“[...]não discutimos, mas com uma tonalidade serena tentamos acalmar a pessoa e, se não nos quiser ouvir, nos retiramos”. (Entrevistado 16, 18 anos)

“É necessário ter um campo de visão vasto para perceber se a pessoa foi incutida a informação ou é o que sente. Mas somos aconselhados a não discutir com as pessoas. Agradecemos pelo tempo e nos retiramos da conversa”. (Entrevistado 13, 21 anos)

Os depoimentos mostram que, ao lidarem com diferentes reacções durante a pregação, as Testemunhas de Jeová adoptam uma postura atenta. Existe, da parte dos fiéis, um esforço visível para perceber o tipo de pessoa com quem estão a falar, por isso avaliam se vale a pena avançar no diálogo ou se é preferível recuar. Evitar discussões e manter uma atitude serena é um indicativo de uma maturidade na forma de lidar com o estigma. Em vez de responderem com confronto, procuram agir com calma, ajustando a abordagem de acordo com o que é observado.

Segundo Swatowski (2016), as Testemunhas de Jeová sabem que a sua identidade é estigmatizada e estão prontas para tentar superar tal estigma na interacção presencial. Para os membros da organização, o seu próprio estigma os coloca numa posição de inferioridade ou de marginalidade, não é mais do que a prova de que se está a viver no Reino de Satanás. Através da valorização da razão, procuram elaborar respostas que expliquem a tensão que vivem, especialmente no momento de proselitismo presencial. Desse modo, as Testemunhas de Jeová têm de superar um conjunto de estereótipos e driblar a interferência do “iníquo” com uma actuação treinada e com a ajuda do agente divino.

Pode-se afirmar que se está diante de uma dinâmica social em que a produção de estereótipos e estigmas é reconhecida, interpretada e reelaborada a partir de uma leitura cosmológica específica. Nesse contexto, a resistência é esperada e cosmológicamente prevista.

Diante disto, as Testemunhas de Jeová demonstram o conhecimento e leitura do momento certo para falar ou calar. Ao retirarem-se de situações hostis com educação, protegem a sua mensagem e a dignidade. Esta gestão do contacto com o outro, feita com cuidado e sentido de equilíbrio, mostra que, perante a rejeição social a resposta não é de confronto directo.

4.4.3. Estética da normalidade: o encobrimento como resposta ao risco de identificação da identidade deteriorada

No tocante à questão sobre evitar ou não falar sobre a fé em determinados ambientes para evitar reacções negativas, observa-se uma tensão entre o desejo de afirmar a identidade religiosa e o receio de provocar hostilidade. A autoafirmação religiosa é um processo formativo, reforçado pelas directrizes que orientam a exposição da fé como forma de limpar o nome de Jeová. Ainda que muitos admitam evitar determinados contextos para não agravar conflitos, outros mostram que o reconhecimento do momento certo para se identificar como Testemunha de Jeová é visto como uma demonstração de sabedoria e equilíbrio, e não de fraqueza, o que mostra a escolha estratégica de quando e como se posicionar. Tal como afirmam alguns entrevistados:

“[...] eu já tive receio de me apresentar a algumas pessoas, por conta do medo de pessoas que falam muito mal das Testemunhas de Jeová, mas não é necessariamente evitar dizer, só não faço publicidade. Sempre que for sensato falo, mas não toco trombone”. (Entrevistado 08, 29 anos)

“Eu avalio a situação. Se noto que a conversa vai denegrir as Testemunhas de Jeová prefiro evitar [...] por exemplo, na família onde sofro maior oposição, não oro ali, faço em outro lugar”. (Entrevistado 13, 21 anos)

“Particularmente, já evitei. Então, dependendo do contexto [...] às vezes, estamos num ambiente informal e, depois de surgir uma oportunidade de dizermos, acabamos dizendo”. Se for a ver que o ambiente está muito agitado, o correto é ficar em silêncio. É o que nos aconselham a fazer para não manchar o nome de Jeová”. (Entrevistado 10, 30 anos)

Os depoimentos indicam que as Testemunhas de Jeová desenvolvem estratégias de gestão da identidade com base numa racionalidade prática e relacional, orientada pela leitura situacional dos contextos sociais nos quais se inserem. Ao reflectirem sobre quando e como se identificar como membros da organização, os interlocutores mostram uma internalização de códigos de conduta que regulam a visibilidade em função das possíveis reacções do meio social.

Trata-se de um processo de gestão da informação visto pelos entrevistados não como uma negação à sua fé ou omissão, mas como manifestações de autocontrolo e sabedoria, o que preserva a integridade da identidade religiosa e a estabilidade da interacção social.

Segundo Goffman (2004), há estigmas que exigem que o indivíduo seja cuidadosamente reservado com uma classe de pessoas, ao mesmo tempo em que se expõe sistematicamente a outras classes. Dadas as várias possibilidades encontradas entre os extremos de completo segredo, por um lado, e informação completa, por outro, os problemas daqueles que fazem esforços conjuntos e organizados para passar despercebidos são os problemas que um grande número de pessoas enfrentará mais cedo ou mais tarde. Devido às grandes gratificações trazidas pelo facto de ser normal, quase todos os que estão numa posição em que o encobrimento é necessário, tentam fazê-lo em alguma ocasião. A aprendizagem do encobrimento constitui uma fase da socialização da pessoa estigmatizada e um ponto crítico na sua carreira moral. O indivíduo estigmatizado pode vir a sentir que deveria estar acima do encobrimento que, se aceita e se respeita, não haverá necessidade de esconder o seu defeito. Depois de um trabalhoso aprendizado de ocultamento, então, o indivíduo pode começar a desaprendê-lo.

Com o desejo de afirmar a sua fé e a necessidade de evitar conflitos ou julgamentos precipitados, as Testemunhas de Jeová desenvolvem estratégias sustentadas por bom senso, autocontrolo e sensibilidade ao contexto. A decisão de não se expor em certos ambientes ou de ajustar comportamentos conforme a receptividade surge como uma escolha pensada. Nesse sentido, há um esforço em preservar a dignidade pessoal e a coerência com os princípios religiosos, mesmo em situações onde o estigma torna-se evidente. A contenção, não é vista como ausência de fé, mas uma forma de reafirmá-la com prudência.

Este processo indica a construção de uma identidade religiosa que se adapta ao quotidiano, respondendo às tensões sociais com atitudes pautadas por respeito, serenidade e leitura dos

momentos certos para actuar. Trata-se de uma estratégia onde tudo que é dito e feito é cuidadosamente pensado para manter a integridade da fé e a estabilidade das relações sociais.

4.4.4. Do acobertamento à construção da autonomia identitária nas interacções marcadas pelo estigma

Com base nos dados colectados, observamos que as Testemunhas de Jeová desenvolvem formas de manutenção da sua identidade. O acobertamento que consiste na escolha de não revelar, total ou parcialmente aspectos da própria identidade que podem ser vistos de forma negativa pelo outro é uma das formas usadas. Entretanto, outros entrevistados relatam situações de receio em divulgar a sua identidade religiosa, mas com o passar do tempo ganharam maior confiança. Essas respostas ilustram um processo de desenvolvimento da autonomia identitária, muito presente nos depoimentos dos nossos entrevistados.

“[...]houve uma situação na escola, uhmmm... aquilo foi meio assim, estávamos na concentração, diziam que devíamos entoar o hino nacional, e eu fui, por questão de respeito e minha consciência permite, mas não entoo o hino nacional, então um professor falou dos que não entoam, nessa situação fiquei com muito medo e não disse nada”.
(Entrevistado 01, 19 anos)

“No início, não dizia nada, nada mesmo. E quero acreditar que 90 % das Testemunhas de Jeová já fizeram isso, mas com o tempo, ficamos mais firmes e nos defendemos”.
(Entrevistado 06, 35 anos)

“Já tive várias situações, né? Ficava com receio. Foi quando ainda ia à escola e diziam que não cantámos o hino, não saudámos a bandeira, dentre outras coisas, então, às vezes, havia uma confusão por causa disso, então decidia não falar que sou Testemunha de Jeová para não provocar mais alvoroço”. (Entrevistada 07, 29 anos)

Os depoimentos indicam que a construção da identidade religiosa entre as Testemunhas de Jeová é um processo marcado por amadurecimento progressivo, no qual os indivíduos aprendem a lidar com os dilemas que envolvem a visibilidade pública da fé. Inicialmente, o medo da exposição e o desejo de evitar constrangimentos levam à ocultação da identidade religiosa em determinados contextos. No entanto, com o tempo, os entrevistados demonstram maior segurança para se

posicionar, o que indica um fortalecimento da autonomia identitária, na qual a experiência acumulada e a interiorização das orientações doutrinárias contribuem para uma postura mais firme e consciente diante de situações de estigmatização.

Segundo Goffman (2004), o acobertamento é empregado em casos em que o estigma é conhecido ou imediatamente visível. O objectivo do indivíduo é reduzir a tensão, ou seja, tornar mais fácil para si mesmo e para os outros uma redução dissimulada ao estigma, e manter um envolvimento espontâneo no conteúdo público da interacção.

Segundo Bourdieu (s.d), o *habitus* é a incorporação das estruturas sociais em um indivíduo ou em um determinado grupo. Este é adquirido de acordo com a posição social do indivíduo e de acordo com o campo em que está inserido, e que permite ao indivíduo formar posições sobre os diferentes aspectos da sociedade. O *habitus*, é adquirido pelo indivíduo que pertence a um determinado campo, sem ele mesmo se dar conta disso e estabelece a diferença entre o que é bom ou é mau, entre o bem e o mal, etc.

A partir do conceito de *habitus* é possível compreender que as Testemunhas de Jeová desenvolvem desde o processo de socialização religiosa, disposições que moldam sua forma de agir. Tais disposições orientam a forma como enfrentam o estigma, muitas vezes de forma resiliente, pois sua identidade já está estruturada com base nos valores internalizados pela fé, mesmo diante do estigma. Assim, a afirmação identitária das Testemunhas de Jeová demonstra um percurso de aprendizagem e interiorização progressiva. A capacidade de lidar com o estigma, ao invés de representar apenas uma reacção pontual, exprime disposições incorporadas ao longo do tempo, que orientam o modo de estar no mundo, moldadas tanto pelo campo religioso como pelas exigências do espaço público.

4.4.5. Minimização do estigma nas interacções sociais: conduta pessoal, testemunho informal e postura emocional

Sobre as estratégias para minimizar o impacto do estigma nas interacções sociais, muitos entrevistados enfatizam o papel da conduta pessoal como ferramenta principal de combate ao preconceito. Há também menções ao testemunho informal, ou seja, a prática de falar da Bíblia sem exibi-la directamente, como forma de tornar a conversa mais acessível e menos impositiva. Por fim, a postura emocional também é destacada, o que mostra a ideia de que o comportamento é um recurso fundamental na superação das barreiras sociais impostas pelo estigma.

No que tem a ver com a conduta pessoal, os entrevistados relatam:

“Uma coisa que ajuda pelo menos a mim é sempre agir de forma correcta, ser coerente e sempre demonstrar respeito perante as pessoas. Acredito que quando respeitamos as pessoas, elas também ficam mais inclinadas a respeitar”. (Entrevistado 10, 30 anos)

“[...] é só aceitar que és “matreco”. Isso acaba por minimizar e acaba por abrir uma interacção com eles”. (Entrevistado 02, 26 anos)

“A melhor estratégia na verdade, é ter um bom comportamento perante as pessoas, como aprendemos na Bíblia, porque ao invés do estigma isso gera respeito nas pessoas”. (Entrevistado 08, 29 anos)

Os depoimentos indicam que a forma como cada Testemunha de Jeová conduz o seu comportamento no dia-a-dia acaba por ser, muitas vezes, uma das principais estratégias para lidar com o estigma. Ao agir com serenidade e respeito nas relações com os outros, os entrevistados procuram contrariar a imagem negativa que tantas vezes lhes é atribuída, não pela confrontação directa, mas pelo exemplo. Esta forma de estar mostra uma forma de inteligência prática, que reconhece a vida em sociedade como um espaço onde se negociam sentidos e olhares. A identidade religiosa, neste caso, não é afirmada apenas pelo rótulo que se carrega, mas também pela maneira como se vive, como se trata o outro, como se reage à rejeição ou ao desconhecimento.

Com isso, a superação do estigma pode passar menos pelo embate e mais por uma postura ética que, aos poucos, vai abrindo caminho para um olhar mais justo sobre quem são.

Outros entrevistados enfatizam o papel do testemunho informal como uma estratégia relevante para a minimização do estigma. O testemunho informal consiste em introduzir conteúdos bíblicos de forma natural em conversas do dia-a-dia, e o conteúdo da mensagem é adaptado ao contexto e ao perfil do interlocutor para comunicar os princípios bíblicos. Essa abordagem mostra que existe uma consciência das dinâmicas sociais e do estigma, o que leva os indivíduos a optarem por formas mais sutis e mais adequadas de acordo com a situação em que se encontram de manifestar sua fé.

Como mostram os depoimentos a seguir:

“Nem sempre é necessário mostrar a Bíblia para falar sobre ela. Quando percebo que o ambiente não ajuda, opto por simplesmente falar, partilhar pensamentos positivos que

estão na Bíblia, e isso gera curiosidade. Muitas vezes, é só depois de criar essa conexão que digo que sou Testemunha de Jeová. Assim, a mensagem chega primeiro”. (Entrevistado 18, 22 anos)

“[...] muitos não gostam da ideia de ter de estudar a Bíblia, então prego de maneira informal, uso a conversa. É uma forma de dar testemunho sem criar barreiras”. (Entrevistado 03, 34 anos)

Esses depoimentos fazem-nos perceber que a transmissão da fé, para as Testemunhas de Jeová é uma atitude construída com cuidado e leitura do contexto. Os entrevistados mostram que, ao optar por um formato mais descontraído, colocam a pessoa no centro da relação, acima da religião. Começam por mostrar algo que faça sentido para quem ouve e, só depois, quando estabelecem uma certa ligação, revelam que são Testemunhas de Jeová. Desta forma, a mensagem é recebida com curiosidade. Esta forma de estar evidencia uma estratégia ponderada para lidar com o estigma, visto que em vez de confrontar directamente, apostam em sensibilizar através de palavras simples, que chamem à atenção pela normalidade.

Retomamos à noção de informação social anteriormente mencionada com base em Goffman (2004), mais uma vez, tal conceito se mostra pertinente para compreender as estratégias adoptadas pelas Testemunhas de Jeová diante do estigma religioso. Como já mencionado, trata-se de informações transmitidas pelo indivíduo em interacções sociais, frequentemente por meio de expressões corporais, posturas, falas e símbolos que revelam aspectos da sua identidade.

Neste segundo caso, os depoimentos indicam que há um esforço deliberado por parte dos fiéis em modular a emissão dessa informação, visto que ajustam sua forma de expressão de fé de acordo com o ambiente social. Ao recorrer ao testemunho informal, a mensagem bíblica é incorporada de modo mais espontâneo às interacções quotidianas, o que demonstra uma clara consciência das barreiras impostas pelo estigma. Em vez de apresentar imediatamente sua identidade religiosa, os fiéis optam por construir, de maneira ética e relacional, um espaço mais receptivo antes de se identificarem.

Uma outra estratégia usada para minimizar o estigma é a postura emocional, essa que se expressa na forma como os indivíduos gerem as próprias emoções diante de situações difíceis. Em vez de reagirem com confronto ou agressividade, muitas Testemunhas de Jeová adoptam uma atitude

serena e respeitosa, mesmo perante comentários maldosos ou rejeições. Trata-se de uma forma de comunicação, onde o comportamento e a atitude funcionam como argumentos que desafiam os estereótipos negativos associados à sua identidade religiosa. Ao manterem a calma e a dignidade mesmo em contextos adversos, as Testemunha de Jeová tornam-se exemplos da fé que professam.

Essa serenidade, construída com base na orientação doutrinária e na experiência pessoal, transforma-se numa maneira de minimizar o estigma e de reafirmação identitária.

“Temos que demonstrar paciência e amor quando é assim. Por mais que a pessoa tenha uma visão negativa, acaba te entendendo melhor. Então, o amor é a chave. Já tive conversas que no início, a pessoa estava completamente fechada e com críticas, mas com uma postura calma e respeitosa, percebi que ela foi se abrindo aos poucos. A forma como reagimos diz muito mais do que qualquer argumento. Às vezes, é no silêncio e gentileza que damos o melhor testemunho.” (Entrevistado 15, 33 anos)

A firmeza adquirida não é espontânea, mas cultivada por meio do convívio com outros membros da religião, do ensino e da orientação institucional que valoriza o testemunho como forma de honra a Jeová. O bom comportamento é um modo de ensinar o valor da fé que professam, e a dignidade e o amor ao próximo são mecanismos contra o preconceito, a fim de criar uma presença respeitável. Outro aspecto importante é o papel do tempo. Os dados indicam que o modo como os fiéis lidam com o estigma evolui. A juventude é o período mais vulnerável, mas com tempo, os entrevistados mostram maior clareza sobre sua identidade religiosa e maior capacidade de defendê-la sem medo, o que mostra um amadurecimento que redefine sua relação com o estigma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação teve como objectivo geral analisar as estratégias utilizadas pelas Testemunhas de Jeová na gestão do estigma religioso em interacções interpessoais, tendo como caso de estudo a Congregação T3 portuguesa, em Maputo. Partimos do pressuposto que os fiéis recorrem ao encobrimento da sua identidade como forma de gerir o estigma nas suas relações sociais e com base na teoria do estigma de Erving Goffman (2004), procurou-se compreender, através dos dados recolhidos, como se desenrola esse processo identitário junto das Testemunhas de Jeová no contexto religioso moçambicano.

As conclusões que os resultados nos permitiram aferir, mostraram que, no que concerne aos contextos sociais nos quais as Testemunhas de Jeová experimentam maior estigmatização, esta é vivenciada de forma distinta consoante os contextos nos quais os fiéis estão inseridos. Instituições como a família, a escola e o trabalho apresentam-se como espaços de reforço do estigma, sobretudo quando a identidade religiosa desafia normas, expectativas ou convenções estabelecidas. Contudo, as reacções à autodeclaração como Testemunha de Jeová, podem ser atenuadas pela legitimidade moral construída ao longo da convivência, o que confirma a natureza relacional e situacional do estigma, e indica que este não é um fenómeno estático, mas dinâmico e sujeito à renegociação nas interacções sociais.

Em relação ao segundo objectivo, constatou-se que os factores que contribuem para o estigma são múltiplos e interligados. Desde a desinformação e o desconhecimento acerca da doutrina das Testemunhas de Jeová, até à circulação de narrativas negativas, sobretudo vindas de ex-membros, o que gera um processo contínuo de deterioração da sua imagem pública. Acrescem ainda as distinções e práticas de vida baseadas em princípios religiosos que frequentemente entram em dissonância com os valores dominantes. O estigma, nesse sentido, é socialmente construído, perpetuado por estereótipos e reforçado pela reprodução de discursos que não reflectem a experiência directa, mas sim imaginários colectivos.

No cumprimento do terceiro objectivo, observou-se que a gestão do estigma por parte das Testemunhas de Jeová é marcada por uma racionalidade religiosa estruturada, mediada pela doutrina e pelas práticas da organização. As estratégias identificadas incluem o autocontrolo emocional, o uso do silêncio como contenção, o ajuste discursivo ao contexto e, em certos casos, o encobrimento temporário da identidade religiosa, práticas entendidas pelos fiéis como

expressões de maturidade espiritual e prudência. Para além disso, verificou-se que os comportamentos éticos no quotidiano, a serenidade perante a rejeição e a construção paciente de uma imagem pública digna funcionam como instrumentos de desconstrução do estigma. Com o tempo, os fiéis desenvolvem maior autonomia identitária e segurança para afirmar a sua crença com tranquilidade, o que demonstra que a gestão do estigma é um processo contínuo de aprendizagem e adaptação.

Deste modo, considera-se que o argumento inicialmente proposto foi confirmado, visto que, o encobrimento da identidade religiosa surge, de facto, como uma das estratégias utilizadas pelos fiéis para gerir o estigma. No entanto, os dados revelam que esta prática não é única, nem fixa, mas integra-se num conjunto mais amplo de acções moldadas tanto pelas exigências do ambiente como pela formação doutrinária recebida. A gestão do estigma, portanto, não se reduz a actos pontuais de contenção, mas constitui um trabalho identitário sustentado por uma lógica colectiva e espiritual. Em termos de limitações, importa referir que a investigação está circunscrita a uma única Congregação em Maputo, o que pode não reflectir a diversidade de experiências noutras regiões do país, especialmente em contextos rurais ou em cidades com dinâmicas socioculturais distintas. Acresce que o foco na população jovem impede a análise intergeracional do fenómeno, excluindo possíveis variações na forma como o estigma é experienciado por adultos ou idosos. A amostra reduzida e específica não permite generalizações conclusivas para o conjunto das Testemunhas de Jeová em Moçambique.

Finalmente, consideramos que, com a presente investigação, foi possível contribuir para uma compreensão situada das práticas de gestão de estigma e reafirmação identitária. No plano académico, a análise permite aprofundar o diálogo entre a teoria do estigma e os estudos sobre religião. Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar a investigação de forma a incluir outras congregações das Testemunhas de Jeová em diferentes regiões do país, para permitir identificar possíveis variações culturais e contextuais na gestão do estigma. Recomenda-se também abranger outras faixas etárias para compreender como as estratégias se modificam ao longo do ciclo de vida, bem como realizar entrevistas com Testemunhas de Jeová desassociadas, visto que muitas vezes são percebidas pela organização como pessoas que promovem uma visão negativa do grupo. Assim, espera-se que este trabalho possa servir como base para novas reflexões sobre a relação entre fé, identidade e estigma, em contextos de pluralismo religioso.

Referências bibliográficas

- Azevedo, T. C. (2006). *Mídia e estigma: As testemunhas de Jeová do Nazismo aos dias de hoje*. (Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Barra, S.R. (2010). *Movimentos Religiosos contemporâneos na América Latina: O Movimento Religioso das Testemunhas de Jeová*. *Sacrilegens-Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF*. (v.7,n.1), p.142-162.
- Berger, P. L & Luckmann T. (2004). *A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. (2° ed). Petrópolis. Vozes.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. (6° ed). Bertrand Brasil SA. Rio de Janeiro
- Carvalho, F.C. (2005). *Representações sociais do HIV/SIDA numa comunidade religiosa: o caso das Testemunhas de Jeová da Congregação de Soommerchield (Cidade de Maputo)*. (Monografia de Licenciatura em Sociologia).Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
- Carvalho, M & Campus, T. (2016). *O estigma religioso imposto as testemunhas de Jeová no Brasil em face da não-aceitação da transfusão de sangue*. (v.27, n° .3). Brasília. p. 156-172
- Castro, E.G. (2007). *A TORRE SOB VIGIA: As Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954)*. Universidade de São Paulo. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Dissertação de mestrado apresentada no programa de pós-graduação em História Social.
- Cantarella, A.C. & Panasiewicz, R. (2017). *Identidades religiosas no mundo plural. No imaginário de O outro pé da sereia, de Mia Couto*. *Horizonte*. (V.15, n°45). P. 163-187
- Costa, T.N & Rosistolato, R.P. (2022). *Estigmas religiosos em espaços escolares: dilemas para a escola republicana no Rio de Janeiro*. *Revista Eletrônica de Educação* (v. 16). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro-RJ, Brasil
- Coutinho, P. J. (2012). *Religião e outros conceitos*. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. (V.XXIV). pp. 171 - 193
- Gama, M. A. (2009). *Testemunhas de Jeová e transfusão de sangue*. (Monografia de Bacharel em Direito). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

- Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6ª ed). São Paulo: Atlas.
- Goffman, E. (2004). *Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* (M. Lambert, Trans., 4 ed.).
- Resende, A, et al (2021). *A in(existência) do conflito entre os direitos a liberdade religiosa e a saúde: O dever do estado de fornecer tratamento alternativo para as testemunhas de Jeová*. Revista direitos democráticos e estado moderno. (nº2). Pp 51-77
- Lakatos, E.M & Marconi, M. A (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5ª ed). São Paulo: Atlas.
- Liberal, M. (2008). *Religião e identidade nas sociedades modernas*. V Jornadas de Sociología de la UNLP, 10, 11 y 12 de diciembre de 2008, La Plata, Argentina. En Memoria Académica. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.5991/ev.5991.pdf
- Melo, Z.M. (2000). *Estigmas: espaços para exclusão social*. Revista Symposium. Universidade Católica de Pernambuco. P. 18 – 22
- Mendes, E. (2012). *Quebrando as regras: um estudo sobre Testemunhas de Jeová desassociadas*. (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia). Universidade Federal de Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa- PB.
- Mendes, E. (2017). *Inimigos da torre: um estudo sobre as Testemunhas de Jeová, desvio, moralidade e dissidência*. Universidade Federal do rio grande do Norte. Centro de ciências humanas letras e artes. Programa de pós graduação em ciências sociais.
- Oliveira, M.F. (2011). *Metodologia científica: um manual para realização de pesquisas em administração*. Universidade Federal de Goiás
- Oliveira, A. M. (s.d). *Preconceito, Estigma e Intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais*. Revista do programa de pós graduação em Sociologia. (v.13, nº1). p. 239 - 264
- Peluso, E. N. (2012). *"Testigos de lá Razón": Religión, Ciencia y emocion entre los testigos de Jeová*. (Tesis de licenciatura em Antropologia Sociocultural). Universidad de Buenos Aires, Argentina

Saiete, S. (2011). *Construção e Gestão da Identidade Homossexual das Lésbicas em Moçambique*. (Monografia de Licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Silva, L.C. (2018). *Bioética e direitos fundamentais: a recusa as transfusões de sangue pelas Testemunhas de Jeová*. (Trabalho de conclusão de curso em Direito). Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de direito Prof. “Jacy De Assis”. Uberlândia - MG

Simões, J. et al. (2020). *A vivência da fé sob o estigma na percepção de praticantes de religiões Afro-brasileiras em Montes Claros*. Revista Sacrelegens. (v.17, nº1) p. 262-275

Siqueira, R & Cardoso, H. (2011). *O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte americana*. Universidade Estadual Paulista. P. 92-113

Sousa, A.S. et al. (2021). *A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos*. Cadernos da Funcamp. (v.20, nº43). p. 64-83

Soares, C.V. (2022). *Estudo exploratório sobre atitudes e resistência face ao estigma em populações vulneráveis*. (Mestrado em psicologia da justiça e da desviância). Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação. Portugal

Souza. M. & Pereira. A. (2018). *Discussões sobre identidade religiosa: o caso dos peregrinos*. Programa de pós graduação em Sociologia. Universidade Federal de Sergipe, Brasil.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. *Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano de Serviço de 2024*. 2025. Disponível em: <https://www.jw.org/finder?srcid=jwlshare&wtlocale=TPO&prefer=lang&pub=syr24>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. *Como podes fazer bons amigos?*
In: *Os jovens perguntam respostas práticas*. Volume 1. Edição de 2020. [S.l.: s.n.], 2020.
Disponível em: <https://www.jw.org/finder?srcid=jwlshare&wtlocale=TPO&prefer=lang&docid=1102011130>.
Acesso em: 5 jul. 2025.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. *Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada*. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/biblia/>. Acesso em: 7 jul. 2025.

Swatowski, C. W. (2016). *As testemunhas de Jeová e o proselitismo face a face em Portugal*. Revista tempo da ciência. (V.23, n°45). pp 65-80

Tílio, R. (2009). *Reflexões acerca do conceito de identidade*. Revista eletrónica do Instituto de Humanidades. (V.VIII, n° . XXXIX). p. 109-119

Zavala,V.G.M. (2022). *Percepção e gestão do risco de contaminação da COVID-19: caso dos consumidores de bebidas alcoólicas na cidade de Maputo*. (Monografia de licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

APÊNDICES

Apêndice 01

Termo de consentimento informado

Prezado (a),

Chamo-me Arminda Toni Moçambique, estudante do curso de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Para culminação do referido curso, estou a levar a cabo um estudo subordinado ao tema: “*Nós, como Testemunhas de Jeová e cristãos, sabemos que iremos sofrer oposição*”: um estudo de caso sobre a gestão do estigma na congregação T3 portuguesa – Maputo, 2025.

Está em anexo o guião de entrevista com uma variedade de questões relacionadas com o tema já referenciado. O seu apoio na resposta das questões será de elevado apreço. Caso tenha alguma dúvida ou se quiser saber mais sobre o estudo, por favor, não hesite em contactar-me através do armindamocambique@gmail.com ou pelos seguintes contactos telefónicos: (+258) 84 67 71 464 / 87 54 64 965.

A informação a ser recolhida destina-se, exclusivamente, à elaboração da monografia, uma das formas de culminação do curso de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais.

Se concorda em participar de forma voluntária no estudo, por favor, assinale com X as frases abaixo:

Confirmo que li e percebi a informação constante neste documento e concordo plenamente em participar do estudo em causa (___).

Tive a oportunidade de ponderar a respeito da informação aqui apresentada e de fazer perguntas a respeito das mesmas, e estas foram satisfeitas (___).

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, confidencial e anónima, e que sou livre de deixar de participar do mesmo a qualquer momento sem necessidade de apresentação de justificações, bem como, não sou obrigado a responder todas perguntas que me são colocadas (___).

Concordo plenamente com o destino (elaboração da Monografia) que será dado a informação por mim facultada (___).

Assinatura: _____

Data: ____/____/2025

Apêndice 02

GUIÃO DE ENTREVISTA

I - Perfil sócio-demográfico

1. Idade
2. Género
3. Nível académico
4. Ocupação actual
5. Tempo de adesão à religião
6. Frequência participativa nas actividades da Congregação

II - Experiência pessoal de Estigmatização

7. Em quais situações sociais sente que enfrenta mais dificuldades por ser Testemunha de Jeová? (Exemplo: Escola, trabalho, família, amigos).
8. Já foi alvo de piadas, discriminação ou comentários negativos por causa da sua fé? Pode partilhar alguma experiência?
9. Como percebe a reacção das pessoas quando diz que é Testemunha de Jeová?

III - Factores que contribuem para o Estigma

10. Na sua opinião, quais são os principais motivos que levam as pessoas a terem uma visão negativa das Testemunhas de Jeová?
11. Sente que há estereótipos sobre as Testemunhas de Jeová? Quais seriam os mais comuns?

Secção IV - Estratégias de Gestão do Estigma

12. Como lida com situações de preconceito ou discriminação por causa da sua religião?
13. Evita falar sobre a sua fé em determinados ambientes para evitar reacções negativas? Por quê?
14. Já precisou adaptar a sua forma de pregar ou expressar a sua fé para evitar conflitos sociais? Como?

15. Quais estratégias considera mais eficazes para minimizar os impactos do estigma nas suas interações sociais?

16. Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre a sua experiência com a gestão do estigma religioso?

Obrigada pela sua participação!

Apêndice 03

CRONOGRAMA DE ACTIVIDADES

		MESES (2024 -2025)										
	ACTIVIDADES	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
1	Formulação do tema e revisão inicial da literatura											
2	Aprofundamento da revisão da literatura, delimitação do problema, objectivos e Quadro teórico & conceptual											
3	Definição da Metodologia											
4	Trabalho de campo / recolha de dados											
5	Análise, interpretação e discussão dos resultados											
6	Elaboração da primeira versão completa da Monografia											
7	Submissão final da Monografia											
8	Apresentação da Monografia											



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

CREDENCIAL N° 31/DRA-FLCS/ 2025

No âmbito da disciplina de Trabalho de Fim de Curso, credencia-se junto à Congregação da Zona T-3 Portuguesa, a Sr^a. **Arminda Toni Moçambique**, estudante do 4º ano do Curso de Licenciatura em Sociologia, para realizar o trabalho de recolha de dados sobre o tema “Religião e estigma: um estudo sobre a gestão do estigma pelos Testemunhos de Jeová 2025.”

Agradece-se antecipadamente todo o apoio que lhe possa ser prestado para o bom andamento do trabalho.

Maputo, 19 de Março de 2025

O Director Nacional Adjunto Para área de Graduação

Prof. Doutor Marlino Eugénio Mubai
(Professor Auxiliar)